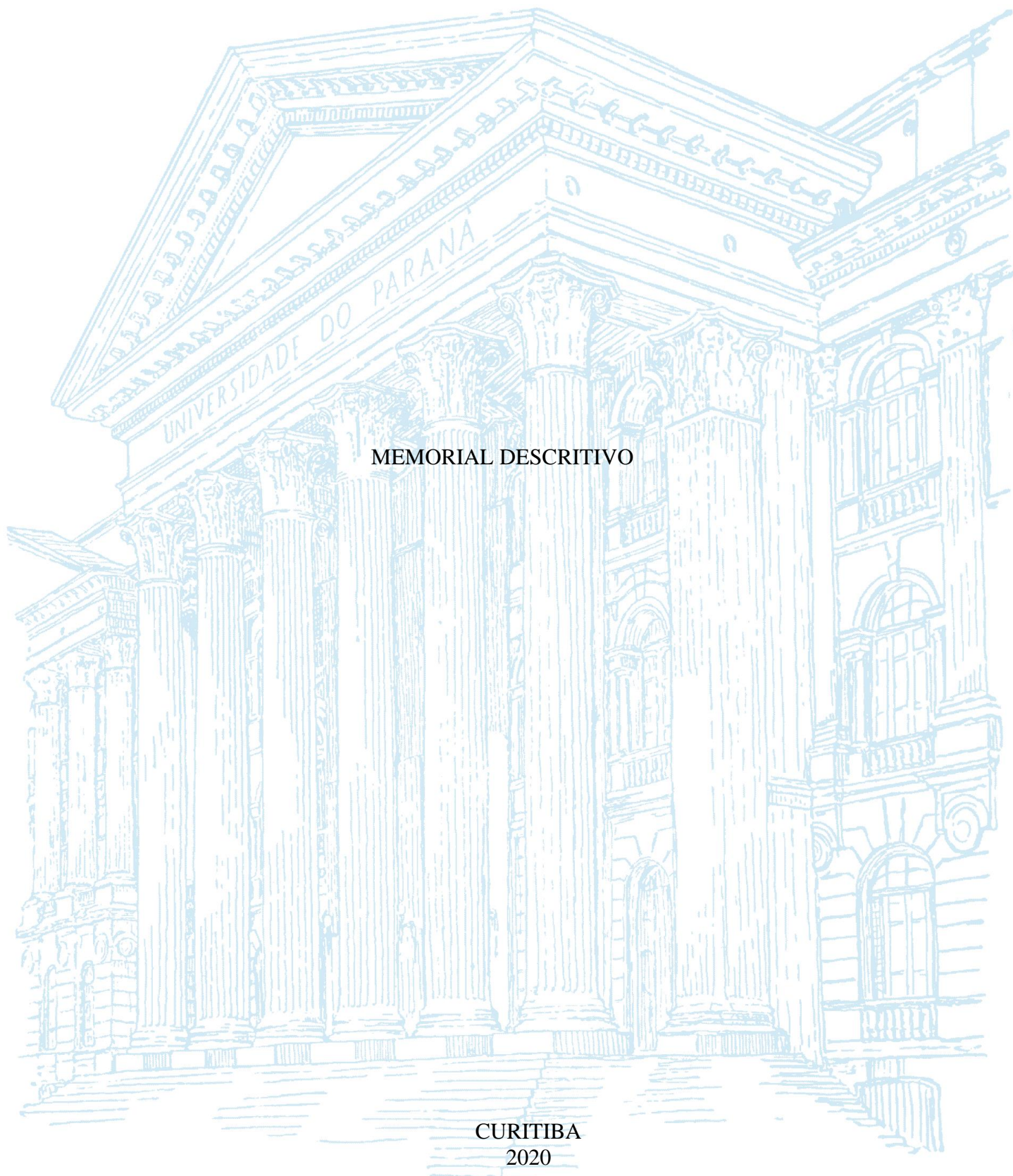


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SIMONE RECHIA



MEMORIAL DESCRITIVO

CURITIBA
2020

SIMONE RECHIA

Memorial Descritivo apresentado à Universidade
Federal do Paraná como requisito parcial para
progressão funcional para Professor Titular.

CURITIBA
2020

Epitáfio

Titãs

[...] Queria ter aceitado

[...] Devia ter complicado menos

Trabalhado menos

Ter visto o Sol se pôr

Devia ter me importado menos

Com problemas pequenos...

Queria ter aceitado

A vida como ela é

A cada um cabe alegrias

E a tristeza que vier...

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: OTAVIO RECHIA E O CONVITE DE FORMATURA DE SUA GRADUAÇÃO EM FARMÁCIA/UFPR	6
FIGURA 2: EU, SIMONE RECHIA, COM 2 ANOS DE IDADE.....	7
FIGURA 3: PROFESSORA FANY, À FRENTE, PROFESSORA LENITA, À ESQUERDA, E EU, À DIREITA	9
FIGURA 4: COMEMORAÇÃO DE 30 ANOS DE FORMATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA DA PUCPR COM O MEU “GRUPO” DE TODOS OS TRABALHOS DA GRADUAÇÃO.....	10
FIGURA 5: MINHAS FILHAS E EU.....	11
FIGURA 6: COLEGAS DO GRUPO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO (PUCPR)	12
FIGURA 7: MINHAS AMIGAS/IRMÃS/PROFESSORAS DE SEMPRE PARA SEMPRE: LENITA SICUPIRA (À ESQUERDA) E ROSECLER GOEDERT (À DIREITA).....	14
FIGURA 8: PROFESSORA HELOISA TURINI BRUHNS.....	20
FIGURA 9: FIGURA 9: EU (À ESQUERDA) E MINHA PARCEIRA SILVIA FRANCO DO AMARAL (À DIREITA)	21
FIGURA 10: REPRESENTANTES DOS 27 CENTROS DO PROGRAMA REDE CEDES DO BRASIL	23
FIGURA 11: ABERTURA DE UMA CONFERÊNCIA, REPRESENTANDO OS 27 CENTROS DO PROGRAMA REDE CEDES	23
FIGURA 12: REGISTRO DE UMA ATIVIDADE REALIZADA PARA A COMUNIDADE ATENDIDA PELOS BOLSISTA DO PELC (2008).....	26
FIGURA 13: INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA CATALUNHA E PROFESSOR JAVIER OLIVERA BÉTRAN (À DIREITA)	27
FIGURA 14: BOLSISTAS PET/EDUCAÇÃO FÍSICA NO FESTIVAL DE INVERNO DA UFPR (2015).....	30
FIGURA 15: FIGURA 14: FERNANDO MASCARENHAS (À ESQUERDA), EU, E ANA MÁRCIA SILVA (À DIREITA)	32
FIGURA 16: CERIMÔNIA DE POSSE DA PRESIDENCIA DO CBCE – 2ª GESTÃO (2015-2017)	33
FIGURA 17: SECRETÁRIOS DA EQUIPE ADMINISTRATIVA DO CBCE	34

FIGURA 18: REUNIÃO NO GABINETE DA DIRETORIA DE AVALIAÇÃO DA CAPES.....	35
FIGURA 19: CARTAZ DE DIVULGAÇÃO DO XIX CONBRACE/VI CONICE (2015)	36
FIGURA 20: CARTAZ DE DIVULGAÇÃO DO XX CONBRACE/VII CONICE (2017)	36
FIGURA 21: INAUGURAÇÃO DA RODA INCLUSIVA NO PARQUE SÃO LOURENÇO/CURITIBA	40
FIGURA 22: HELDER FERREIRA ISAYAMA E EU.....	41
FIGURA 23: GRUPO DE PESQUISA GECE/UNIVERSIDADE DE AVEIRO	42
FIGURA 24: TIMÃO GEPLC PARTICIPANDO E ACOMPANHANDO A GRADUAÇÃO.....	46
FIGURA 25: ALINE TSCHOKE E EU... SEMPRE JUNTAS	47
FIGURA 26: MINHA FAMÍLIA	65

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	5
1.1	A PRESENÇA DISTANTE DE UMA ESTRELA! MEU PAI, MEU EXEMPLO!	5
1.2	NÃO HÁ NADA POR ACASO! 1º MARCO DA MINHA CARREIRA: INGRESSO NO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E AS EXPERIÊNCIAS COMO ESTAGIÁRIA	7
1.3	O MEDO DE COMEÇAR COMO ESTÍMULO E VONTADE DE ACERTAR - 2º MARCO DA MINHA CARREIRA: O PRIMEIRO DIA DE AULA COMO PROFESSORA UNIVERSITÁRIA	10
1.4	A FORÇA PARA O TRABALHO - 3º MARCO DA MINHA CARREIRA: DA IDEALIZAÇÃO À REALIDADE DE SER PROPRIETÁRIA DE UMA ACADEMIA DE GINÁSTICA, PROFESSORA, MÃE, MESTRANDA.....	11
1.5	O SONHO E A ALEGRIA DE ENSINAR E APRENDER - 4º MARCO DA MINHA CARREIRA: A CONQUISTA DE UMA VAGA NO SERVIÇO PÚBLICO E A CONCLUSÃO DO MESTRADO.....	13
1.6	CHEGANDO LÁ, TEM MAIS LÁ... 5º MARCO DA MINHA CARREIRA: DA COORDENAÇÃO DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA PARA A (RE)INVENÇÃO DA DISCIPLINA DE RECREAÇÃO E LAZER PARA FUNDAMENTOS DO LAZER	14
1.7	A HORA E A VEZ DA ESCUTA SOCIAL. 6º MARCO DA MINHA CARREIRA: OS PROJETOS DE EXTENSÃO E A RELAÇÃO UNIVERSIDADE-COMUNIDADE A PARTIR DA REDE CEDES E DO PELC	18
1.8	(DES)ESTABILIZAR PARA ESTABILIZAR E (RE)COMEÇAR. 7º MARCO DA MINHA CARREIRA: DOUTORADO E TRANSFORMAÇÕES PESSOAIS	19
1.9	O QUE FIZ E FAÇO, FEZ A DIFERENÇA. 8º MARCO DA MINHA CARREIRA: DO CREDENCIAMENTO AO DESCREDENCIAMENTO NO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA	22

1.10	ENTRE A EXPECTATIVA E O MEDO DE ATRAVESSAR O OCEANO ATLÂNTICO. 9º MARCO DA MINHA CARREIRA: O DESAFIO DO PÓS-DOUTORAMENTO EM BARCELONA/ESPANHA.....	27
1.11	A TEMPESTADE NO MEIO DA TRAVESSIA. 10º MARCO DA MINHA CARREIRA: A RUPTURA NO DEF	28
1.12	O TRABALHO COLETIVO COMO PRINCÍPIO BÁSICO. 11º MARCO NA MINHA CARREIRA: TUTORA DO GRUPO PET.....	29
1.13	TUDO É FLUXO, REFLUXO E REFLEXO. 12º MARCO NA MINHA CARREIRA: DE ASSOCIADA A PRESIDENTE DO CBCE.....	31
1.14	VOAR EXIGE CORAGEM. 13º MARCO DA MINHA CARREIRA: VOO PARA OUTROS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO PARA SOBREVIVER E AMPLIAR OS ESTUDOS DO GEPEC.....	38
1.15	SEMPRE HÁ UM CÉU AZUL E UM PÔR DO SOL ESPERANDO PARA SEREM VISTOS - 14º MARCO DA MINHA CARREIRA: UMA NOVA LENTE PARA ENXERGAR O MUNDO NO PÓS-DOUTORAMENTO EM AVEIRO, PORTUGAL.....	40
1.15.1	Contribuição dos meus afastamentos para pós-doutoramento fora do país	42
1.15.2	Redes de pesquisa, novas parcerias, democratização dos resultados	43
1.15.3	Relevância para o desenvolvimento científico no Brasil das pesquisas realizadas no gepec.....	44
1.15.4	Relevância para a discussão sobre uma vida de qualidade no Brasil	44
2	O GEPEC: DE BAIXO E DE PERTO.....	46
2.1	OS PRIMEIROS PASSOS: COMPANHEIRISMO, SOLIDARIEDADE E LAÇOS AFETIVOS	46
2.2	OS PRIMEIROS PASSOS DO GEPEC	47
2.3	PROJETOS DE EXTENSÃO: TEMAS SOCIAIS QUE NOS AFETAM.....	50
2.4	ARTIGOS: RESULTADO DAS NOSSAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS	52
2.5	CAPÍTULOS DE LIVROS: REGISTROS DAS NOSSAS MEMÓRIAS ACADÊMICAS	55

2.6	DISSERTAÇÕES DE MESTRADO E TESES DE DOUTORADO: ALGUNS RESULTADOS	57
	REFERÊNCIAS	67

1 INTRODUÇÃO

1.1 A PRESENÇA DISTANTE DE UMA ESTRELA! MEU PAI, MEU EXEMPLO!

Às 9 horas de uma manhã comum, no dia 7 de setembro de 1969, a família estava reunida em torno da mesa. De repente, o Sr. Otavio Rechia tem um ataque cardíaco fulminante, e morre ali, na frente da esposa, Odette, na época com 33 anos, e dos 4 filhos (Silmara, com 15 anos; Sandra, com 13 anos; Sergio, com 10 anos; e eu, Simone, com 5 anos, foto a seguir). Naquele momento, ficamos órfãs de pai e, praticamente, de mãe, que jamais superou essa drástica e atroz perda. Meu pai era um homem guerreiro, o nosso princípio e o nosso fim. A viga mestra de sustentação de todos nós. Nunca mais a família conseguiu superar o trauma de ter perdido um pai amoroso, participativo, generoso, cuidadoso, inteligente, amigo de todos, religioso, severo, sonhador. Foi e é difícil sobreviver com essa marca no coração e na memória. Mas ele nos deixou um legado de vida muito intenso, que me guia até hoje: lute pelo que acredita! Recorro aqui a Mario Quintana para simbolizar esse aprendizado, que foi curto, mas intenso.

Se as coisas são inatingíveis... ora!
Não é motivo para não querê-las...
Que tristes os caminhos, se não fora
A presença distante das estrelas!

(Das utopias)

Otavio Rechia era um jovem padeiro em Treze de Maio, uma pequena cidade de Santa Catarina. Veio para Curitiba servir ao exército aos 18 anos. Tinha pouco estudo, mas muita vontade de progredir. Quando se casou com a minha mãe, ele já tinha 29 anos, e ela era uma moça de 18 anos; ambos haviam cursado apenas até a 4ª série primária. A família sempre teve muitas dificuldades financeiras, mas, mesmo assim, ele sempre estudava até de madrugada, depois de todos terem ido se deitar. Para tanto, organizara uma sala de aula nos fundos da nossa casa, onde se reunia com alguns amigos e juntos se preparavam para concretizar o sonho de passar no vestibular. Antes, porém, teve de cursar o Ensino Fundamental e Médio, à noite, na mesma escola pública onde estudavam os filhos. Ele conseguiu, e anos depois se formou em farmácia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR).

FIGURA 1: OTAVIO RECHIA E O CONVITE DE FORMATURA DE SUA GRADUAÇÃO EM FARMÁCIA/UFPR



FONTE: RECHIA (2020).

Durante esse percurso, continuou servindo ao exército, trabalhou como bolsista na universidade e, com um amigo, abriu uma farmácia. Ele trabalhava e estudava muito, esforçando-se para vencer os dias de três turnos bem atarefados, mas nunca deixou de amparar os filhos nos estudos. Era dele a responsabilidade de corrigir as tarefas nos cadernos e explicar as lições, na sala de aula que ele criara, agora usada para esse fim. Também era um pai amoroso, e ajudava a cuidar dos filhos e filhas.

Esses foram meus exemplos e influências, principalmente em minha carreira como professora universitária, um caminho que trilhei **na presença distante de uma estrela, meu pai!**

FIGURA 2: EU, SIMONE RECHIA, COM 2 ANOS DE IDADE



FONTE: RECHIA (2020).

1.2 NÃO HÁ NADA POR ACASO! 1º MARCO DA MINHA CARREIRA: INGRESSO NO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E AS EXPERIÊNCIAS COMO ESTAGIÁRIA

A minha formação escolar foi totalmente em instituições públicas (algo de que me orgulho muito). Sempre fui muito autônoma e livre, tanto por personalidade como por imposição do destino, porque minha mãe tornou-se depressiva depois da perda; vivia sempre triste, doente, de cama. Fiquei muitas vezes sob os cuidados de minhas irmãs mais velhas. Às vezes, elas conseguiam dar conta de uma criança, outras vezes, não. Assim fui crescendo, sozinha. Em certa medida, isso me fortaleceu, porque fui uma criança e adolescente muito proativa, um recurso que desenvolvi dadas às circunstâncias. Precisava sobreviver. Assim, aproveitei todas as oportunidades que me foram oferecidas. Estava sempre acompanhando as famílias das minhas amigas, já que a minha estava esfacelada. Apesar de tudo, era uma criança alegre, e atribuo isso à minha salvação. Estava sempre pelas ruas do bairro, brincando, jogando bola, andando de bicicleta. No Ensino

Fundamental e Médio, participei intensamente de muitas atividades extracurriculares; inscrevia-me em tudo o que a escola oferecia: handebol, voleibol, natação, dança, coral, teatro, artesanato, simplesmente tudo. Apesar de não ser muito boa em esportes, eu era participativa, me divertia, levava tudo para o lado lúdico, o que me possibilitava ficar sempre junto com os times, porém no banco, à espera de que o professor de Educação Física me convocasse para participar.

Ter de esperar no banco não era algo que me deixasse indisposta com os professores; aliás eu amava os professores, de qualquer disciplina. Queria frequentemente ajudar e participar das aulas, e estava sempre na porta antes de começar a aula, para receber o docente com um abraço. Essa foi a minha característica na escola e na Universidade desde sempre – uma criança, uma adolescente e uma jovem universitária muito inquieta, alegre e participativa, rodeada de amigos. No Ensino Médio, um professor de português no Colégio Estadual do Paraná sempre me repreendia, dizendo que eu não deveria me manifestar, a não ser quando fosse solicitada! Eram as marcas das pegadas da ditadura militar. Infelizmente, minha formação básica se deu durante a ditadura militar. Eu ficava muito triste e sufocada, porque queria falar, expor ideias, perguntar. Mas tudo era proibido. Então as oficinas de arte, o coral, os esportes, a dança se tornaram possibilidades de expressão e liberdade, e desde então eu levanto a bandeira em defesa das experiências de lazer e dos estudos culturais como práticas de liberdade.

Apaixonada pelo esporte e pelas manifestações de arte, eu passava o dia todo na escola nessas atividades. Sempre chegava antes e saía depois de todos, e nascia assim o amor pela docência. A escola era o meu espaço de alegria e realizações, tudo o que eu sempre quis foi ser professora.

Quando chegou a hora de escolher uma profissão, não tive dúvidas. Aos 18 anos, ingressei no curso de Educação Física da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), depois de ter tentado vestibular para a UFPR. Naquele tempo existia prévia, uma prova de habilidade específica que exigia bom desempenho nas provas práticas, e ao ser submetida a esse teste eu caí da trave de equilíbrio da ginástica artística e quebrei o dedo do pé, e por isso não pude continuar as provas práticas. Chorei muito, porque não tinha condições financeiras de cursar uma universidade particular, mas mesmo assim prestei o vestibular para a PUC, e passei. No primeiro semestre do primeiro ano, a professora Fany Terezinha Vieira, da disciplina de atividades rítmicas, indicou-me para uma vaga de estágio remunerado na Divisão de Esportes, função que exerci durante os quatro anos de graduação e assim pude concluir o curso. Aos 19 anos, ainda no segundo

ano da graduação, eu me casei, e as responsabilidades que um casamento requer, mais as experiências de até então, formaram a minha base. **Esse foi o 1º marco da minha carreira!**

FIGURA 3: PROFESSORA FANY, À FRENTE, PROFESSORA LENITA, À ESQUERDA, E EU, À DIREITA



FONTE: Rechia (2020).

Na divisão de esportes, ministrei aulas de modalidades diversas: dança, ginástica, musculação, natação, recreação, entre outras inúmeras funções; eu era uma espécie de “faz-tudo” do departamento. Nessa trajetória, tive muitas alunas e alunos dos diferentes cursos da PUC e também da comunidade do entorno. O meu maior prazer era reunir todo mundo em eventos que eu mesma projetava, promovia e organizava na universidade. Desde abertura de jogos de calouros, gincanas, acampamentos, festivais de dança e esporte, até festas juninas. Essas ações me aproximaram muito do corpo docente e discente.

FIGURA 4: COMEMORAÇÃO DE 30 ANOS DE FORMATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA DA PUCPR COM O MEU “GRUPO” DE TODOS OS TRABALHOS DA GRADUAÇÃO



FONTE: RECHIA (2020).

1.3 O MEDO DE COMEÇAR COMO ESTÍMULO E VONTADE DE ACERTAR - 2º MARCO DA MINHA CARREIRA: O PRIMEIRO DIA DE AULA COMO PROFESSORA UNIVERSITÁRIA

Ao concluir a graduação, em dezembro de 1987, e antes mesmo da formatura oficial, com 22 anos, fui convidada pelo coordenador do curso, o professor Adilson Seixas, a substituir um professor e ministrar aulas para o quarto ano da graduação, em março de 1988, na disciplina de primeiros socorros. **Esse foi o 2º marco da minha carreira!**

Eu ainda me lembro da sensação de quase pânico que senti no primeiro dia de aula, quando entrei na sala pela primeira vez como professora universitária, grávida de minha filha mais velha, Camila (hoje com 32 anos), e me deparei com meus amigos e amigas da graduação, pois eles haviam sido meus calouros. Criei uma forma diferente de trabalhar aquele conteúdo. Já que não dominava muito bem as técnicas, criávamos simulações de acidentes nas práticas corporais, e eu convidava bombeiros, enfermeiros e médicos residentes da PUC para atuarem. A partir dessa disciplina, fui contratada para muitas outras no curso: ginástica I e II, Recreação e Lazer, Metodologia do Ensino de Educação Física para o curso de pedagogia e um curso de extensão pioneiro no Paraná, “Universidade aberta a terceira idade”. Trabalhava sempre 40 horas semanais, de segunda a sábado. Durante esse percurso, que durou 10 anos, fiz a primeira e a segunda fase da pós-graduação, sempre paralelamente ao trabalho e à maternidade.

FIGURA 5: MINHAS FILHAS E EU



Legenda: 1ª imagem: Camila, com 6 anos de idade, e Marina (à frente) com 2 anos de idade; 2ª imagem: Camila, hoje com 32 anos de idade, eu, e Marina, hoje com 28 anos de idade.
 FONTE: RECHIA (2020).

Em 1988, fiz especialização em Pedagogia do Ensino Superior. Nos Intervalos dessas tarefas, nunca abandonei as aulas da Divisão de Esportes.

1.4 A FORÇA PARA O TRABALHO - 3º MARCO DA MINHA CARREIRA: DA IDEALIZAÇÃO À REALIDADE DE SER PROPRIETÁRIA DE UMA ACADEMIA DE GINÁSTICA, PROFESSORA, MÃE, MESTRANDA

Certa vez, uma aluna de ginástica me fez uma proposta de sociedade para abrir uma academia. Eu aceitei encarar o desafio e inauguramos a academia Movimento e Ação, que funcionou entre 1989 e 1995. **Terceiro marco da minha carreira!**

Tivemos mais de 300 alunos e ampliamos o espaço em dois anos. Eu ministrava a maioria das aulas. Começava às 6 horas da manhã, depois ia à universidade e então voltava para a academia, e lá ficava até as 22 horas. Minha intenção era inovar, trabalhar diferentes dimensões da consciência corporal, na perspectiva lúdica, dançante, valorizando sempre a sociabilidade e a alegria do encontro. Certa vez, depois de ter resolvido deixar uma caixa de sugestões na academia, muitos alunos indicaram que sentiam falta de mais exercícios que trabalhassem pernas, braços e abdômen, e então eu me dei conta de que não poderia me realizar profissionalmente naquele espaço profissional.

Iniciei o curso de Mestrado em Educação na PUC em 1995, e ao longo de três anos investiguei como mulheres de 30 a 50 anos de idade, na cidade de Curitiba, percebiam seu corpo, e em que espaços da cidade realizavam práticas corporais. Conforme o resultado dessa pesquisa (RECHIA, 1998),¹ os parques públicos eram tidos pelas entrevistadas como os locais mais agradáveis para o desenvolvimento de suas práticas corporais. Após aprofundar a análise, constatei que, embora Curitiba contasse com muitos espaços públicos de lazer adequados para a realização de práticas corporais, poucos deles, na época, eram utilizados. Resolvi também, na mesma época, estudar para o concurso da UFPR.

Na imagem a seguir, meu grupo de Mestrado em Educação. Minhas colegas e companheiras, com quem aprendi muito, professoras Lívias Dias Coelho, Moema Prestes Mattar e Lenita Sicupira.

FIGURA 6: COLEGAS DO GRUPO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO (PUCPR)



FONTE: RECHIA (2020).

Legenda: Eu, Simone Rechia (1ª à esquerda); Professora Lenita Sicupira (2ª à esquerda); Professora Lívias Dias Coelho (1ª à direita); Professora Moema Prestes Mattar (2ª à direita)

¹ RECHIA, S. A prática pedagógica em educação física: seu impacto sobre as concepções de corpos em mulheres de diferentes gerações. 1998. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 1998.

1.5 O SONHO E A ALEGRIA DE ENSINAR E APRENDER - 4º MARCO DA MINHA CARREIRA: A CONQUISTA DE UMA VAGA NO SERVIÇO PÚBLICO E A CONCLUSÃO DO MESTRADO

Continuei trabalhando na PUC e fazendo o curso de mestrado, e depois de um ano me dedicando para a prova, passei na UFPR no fim de 1995, em terceiro lugar, com diferença de 1 décimo entre as candidatas para as disciplinas de atividades rítmicas (a professora Fany, com quem aprendi tudo, foi minha inspiração para passar nesse concurso). Nesse mesmo ano, o presidente Collor proibiu contratações, exatamente na semana que o resultado do concurso tinha sido divulgado. Conclusão: não foi possível contratar o primeiro lugar, mas era possível contratar uma das três candidatas como professora substituta. A primeira e a segunda candidatas não podiam porque eram funcionárias públicas. Mas eu, sim, porque era professora de uma universidade particular. Então assumi, como professora substituta, a área de atividades rítmicas da UFPR naquele ano, agregando as aulas na PUC mais o mestrado e a maternidade. Foram tempos difíceis, de muito trabalho, mas eu queria muito ser professora da UFPR. No fim daquele semestre, Collor liberou as contratações, e eu teria de me despedir dos discentes, pois meu tempo havia terminado na UFPR – a professora aprovada em primeiro lugar seria contratada. Mas um abaixo-assinado dos alunos entregue ao chefe de departamento, professor Ricardo Coelho, mudaria o rumo das coisas. No documento, eles pediam que eu fosse efetivada, mas, para isso, a candidata que tinha ficado em segundo lugar no concurso teria que ser contratada também. Professor Ricardo levou a problemática para a reunião departamental e, após várias horas de discussão, foi aprovada por unanimidade a contratação das três candidatas. **Considero esse fato o 4º marco da minha carreira**, porque foi a partir da minha prática pedagógica que conquistei a vaga no serviço público.

Ao ser efetivada, fiquei muito grata aos colegas da época e passei a me dedicar exclusivamente ao Departamento de Educação Física da UFPR. Da PUC só tenho boas lembranças – aprendi muito, trabalhei muito e levei comigo muitos amigos e amigas. Duas professoras em especial, minhas amigas/irmãs/professoras de sempre para sempre: Lenita Sicupira e Rosecler Goedert.

FIGURA 7: MINHAS AMIGAS/IRMÃS/PROFESSORAS DE SEMPRE PARA SEMPRE:
LENITA SICUPIRA (À ESQUERDA) E ROSECLER GOEDERT (À DIREITA)



FONTE: RECHIA (2020).

1.6 CHEGANDO LÁ, TEM MAIS LÁ... 5º MARCO DA MINHA CARREIRA: DA COORDENAÇÃO DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA PARA A (RE)INVENÇÃO DA DISCIPLINA DE RECREAÇÃO E LAZER PARA FUNDAMENTOS DO LAZER

Na UFPR, ainda no estágio probatório, assumi em 1997 a coordenação do curso de Educação Física. Gostaria aqui de citar meu primeiro amigo na UFPR e meu melhor amigo até hoje, Professor Iverson Ladewig. Sempre fomos parceiros e nos fortalecemos. Sem o apoio dele, esse processo teria sido mais difícil. Trabalhos juntos nessa gestão ao lado do Professor Wagner de Campos, na época, chefe de departamento, e Iverson, vice-chefe. Foi um grande aprendizado sobre a estrutura universitária Federal e os processos de gestão democrática. Fiquei encantada com as possibilidades de atuação compartilhada, discutida e votada com meus colegas. Um aprendizado que foi a condução de uma reforma curricular (1997/1998) e promoção de várias ações e muitas representações na UFPR. Este fato me proporcionou conhecer o curso, ficar por dentro de todas as subáreas, mas também causou conflitos e tensões ideológicas. Alguns permanecem até hoje.

Na graduação, assumi a disciplina de lazer e recreação, substituindo a professora Marlene Meira, que se aposentou no ano seguinte à minha contratação, em 1997, e ocupo esse cargo até hoje, embora tenha atuado em outras disciplinas do curso: atividades

rítmicas, seminário de monografia, estágio supervisionado, temas emergentes, projetos integrados e metodologia da pesquisa.

O 5º marco da minha carreira foi a conclusão dessa atividade administrativa. Depois dessa atuação intensa e difícil, passei a olhar para a área de Educação Física sob outra lente. Passei a refletir sobre a disciplina que ministrava (recreação e lazer) e sobre o lado cruel da visão hegemônica da área, sobre a idolatria do corpo e o sofrimento das pessoas que não se enquadravam nesse modelo das práticas corporais e esportivas. A pergunta principal sempre foi: se as academias de ginástica e os esportes tradicionais não são para todas as pessoas, apenas para aqueles que atendem a um determinado modelo de corpo, onde os demais fazem práticas corporais? Respostas: nos parques, nas praças, nas escolas, entre outros espaços da cidade.

Portanto, o desafio seria transformar a tradicional disciplina de “Recreação e Lazer” na disciplina intitulada “Fundamentos do lazer”, prevista no novo currículo em 1998.

Desafio por quê? Porque os professores e professoras de Educação Física de universidades brasileiras ainda compreendem o lazer não como um campo de intervenção importante da área, e sim como uma atividade recreativa, e o professor ou professora como um mero “animador” que detém um repertório interessante de jogos e brincadeiras que passam a ser compreendidos como fundamentais para a prática profissional imediata propriamente dita; portanto, muitas vezes, é preciso esquecer o que se “aprendeu” na universidade ao longo desses anos para compreender o lazer como campo de intervenção profissional que opera como um direito social importante para o desenvolvimento da sociedade, tanto quanto o trabalho, a saúde, a educação, a moradia, entre outros. Conscientizando os acadêmicos de que é nesse tempo que os sujeitos participam ativamente da vida em comunidade, fazem a crítica da vida cotidiana, praticam e ocupam os espaços da cidade, exercitam sua cidadania. Também vale ressaltar que as experiências no âmbito do lazer possibilitam muitas vezes o conhecimento de si mesmo, do outro e do entorno cultural onde se vive. Portanto, o desafio durante todos esses anos ministrando a disciplina de Fundamentos do Lazer na graduação sempre foi fazer os acadêmicos compreenderem o lazer como um campo simbólico, processo de humanização, construção histórica e resultado do trabalho humano.

Não por acaso, as principais análises teóricas referentes à prática profissional ou intervenção ainda têm identificado o professor e professora de Educação Física como o profissional que “faz tudo” e, no campo do lazer, “faz tudo e ainda tem que ser alegre e

divertido”, priorizando muitas vezes requisições e interesses do mercado, colocando-se como aquele que, aparentemente, embora seja um sujeito crítico, aproxima-se dos contratantes, reproduzindo práticas recreativas, funcionalistas, utilitaristas e esvaziadas de sentido e de significados.

Quanto à formação profissional no âmbito educacional, é consenso entre os autores que têm se debruçado sobre o tema que temos sofrido diretamente com a expansão da política de educação do ensino superior por meio de uma larga escala de expansão universitária mercantil que aprofunda a privatização interna das universidades tanto públicas quanto privadas. No caso, poderíamos aqui citar os cursos de bacharel e/ou licenciaturas, que de forma aligeirada formam para o mercado.

Gerando uma educação “acrítica”, é possível evidenciar as seguintes questões na formação profissional da Educação Física atual: privatização do ensino superior; crescimento do ensino a distância; precarização das condições de trabalho e do trabalho docente; exacerbado produtivismo acadêmico; adoecimento de docentes e discentes em decorrência desses processos; aumento de vagas para uma formação rápida; baixa qualidade da educação; falta de incentivo e condições de construção de propostas de pesquisa e extensão articuladas ao ensino; compreensão do estágio como exploração, mascarado de “treino”, “preparação” da prática profissional, sem articulação entre seus supervisores e docentes universitários, mediante número excessivo de ofertas de vagas de estágio. No campo do lazer, isso é muito evidenciado e muito procurado pelo “mercado”. Há uma excessiva oferta de “trabalho” nos fins de semana, em colônias de férias, condomínios, associações de funcionários de grandes empresas, secretarias de esporte e lazer e muitas vezes até em centros esportivos de universidades. Várias vezes, ouço alunos do segundo ano da graduação dizerem “Eu já trabalhava com a recreação antes mesmo de entrar para a universidade!”

Portanto, diante desse cenário, nunca foi tarefa simples localizar o lugar do lazer na grade curricular do curso, haja vista que o senso comum está entre nós e em nós.

Porque, como vimos, o lazer está muito vinculado/viciado ao mercado, ao inútil, ao funcional, há uma falta de entendimento sobre a importância da pesquisa e da descoberta científica na formação profissional para esse campo de intervenção, pois o lazer é entendido como “treinamento” dos graduandos, além da falta de condições de trabalho para os profissionais, o que tem contribuído para o processo de precarização da área. Tudo isso pode estar impulsionando a construção de um movimento de despolitização da categoria profissional, que se submete a condições precárias de trabalho

desde os anos iniciais da formação, não dando espaço para a pesquisa e para o aprofundamento do fenômeno do lazer na sociedade contemporânea.

Nesse sentido, defendo tanto a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão quanto a entre estágio, supervisão acadêmica e profissional, capazes de contribuir para a apreensão do significado social da profissão e de suas demandas, visando construir respostas profissionais que potencializem o enfrentamento da questão social, o que implica a capacitação teórico-metodológica, ético-política e técnico-operacional.

As experiências no âmbito do lazer não são vivenciadas no “tempo e muito menos no espaço livre”, nem mesmo “disponível”, mas sim no tempo/espaço conquistado a partir de políticas sociais, culturais, econômicas, educacionais, habitacionais e de saúde para o pleno desenvolvimento humano das pessoas que trabalham e produzem nos lugares onde vivem.

Diante desse contexto passo a descrever a proposta da disciplina: Ministrada para Licenciatura em Educação Física e Bacharelado em Educação Física, pois aborda temas de extrema importância para as duas formações. O plano de ensino da disciplina Fundamentos do Lazer apresenta a seguinte proposta:

QUADRO 1: PLANO DE ENSINO DA DISCIPLINA DE FUNDAMENTOS DO LAZER –
EDUCAÇÃO FÍSICA/UFPR

<i>Plano de ensino da disciplina de Fundamentos do Lazer – Educação Física/UFPR</i>
<p>EMENTA (Unidades Didáticas): Principais correntes teóricas e tendências histórico-culturais do lazer e suas relações com a área de Educação Física no âmbito escolar e não escolar.</p>
<p>OBJETIVO GERAL: Refletir sobre o fenômeno lazer e suas manifestações na Educação Física, iniciando por uma discussão mais ampla, retomando aspectos conceituais, polêmicos e críticos do lazer enquanto área de estudos, visualizando em seguida mais detalhadamente algumas possibilidades de intervenção profissional.</p>
<p>OBJETIVOS ESPECÍFICOS:</p> <ol style="list-style-type: none"> a) Discutir os conceitos básicos para a compreensão do lazer enquanto fenômeno social; b) Apresentar as dimensões básicas necessárias à atuação do profissional de lazer a partir da perspectiva educacional; c) Explorar a relação lazer e Educação Física no contexto de um novo modelo de sociedade; d) Pesquisar a atuação profissional no âmbito de diferentes instituições estabelecendo conexões entre educação e espaço/tempo do lazer.

<i>Plano de ensino da disciplina de Fundamentos do Lazer – Educação Física/UFPR</i>
<p>UNIDADE I – conceitos básicos</p> <ul style="list-style-type: none"> • Compreensões históricas sobre o lazer; • Conceito de cultura e suas peculiaridades; • Conceito de lazer: as dimensões tempo e atitude; • Os interesses culturais centrais nas atividades de lazer; • Lazer: um campo multidisciplinar e a perspectiva de atuação interdisciplinar; • Cultura e mercado: a indústria cultural; • Educação para e pelo lazer: a educação dos sentidos; • Lazer e minorias sociais.
<p>UNIDADE II – lazer e Educação Física</p> <ul style="list-style-type: none"> • As dimensões histórico-sociais da recreação no contexto da Educação Física; • A relação entre lazer/Educação Física em diferentes perspectivas conceituais; • Projetos de lazer no âmbito de diferentes instituições; • Lazer e os espaços lúdicos.
<p>UNIDADE III – Espaços de lazer e Educação Física</p> <ul style="list-style-type: none"> • A relação entre lazer, Educação Física e cidade; • Lazer e a questão urbana; • Lazer e Meio Ambiente; • Lazer e estilo de vida; • A relação entre corpo, lazer e as novas tecnologias.
<p>UNIDADE IV – A produção do conhecimento na área do lazer</p> <ul style="list-style-type: none"> • A relação entre lazer, Educação Física e a produção do conhecimento.
<p>PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS</p> <p>As aulas serão teórico/práticas, além de seminários e visitas a diversas instituições objetivando observar, analisar e pesquisar espaços e vivências no âmbito do lazer.</p>

1.7 A HORA E A VEZ DA ESCUTA SOCIAL. 6º MARCO DA MINHA CARREIRA: OS PROJETOS DE EXTENSÃO E A RELAÇÃO UNIVERSIDADE-COMUNIDADE A PARTIR DA REDE CEDES E DO PELC

Conforme mencionei, eu desenvolvia na PUC o projeto de extensão intitulado “Universidade aberta a terceira idade”, então, quando fui para a UFPR, esses idosos foram comigo, e iniciamos o projeto “Sem fronteiras”, ainda ativo no DEF, atualmente com mais de 100 participantes e coordenado pela professora Rosecler Vendrusculo. Durante esse convívio com os idosos, investiguei como eles realizavam as práticas corporais em Curitiba e descobri que a cidade oferece facilidades e barreiras para nos apropriarmos dos espaços de lazer, embora a gestão pública inclua no planejamento urbano vários ambientes para tais práticas. Também concluí que era preciso lutar pelo acesso e direito

aos espaços públicos da cidade, e para tanto era preciso haver uma educação para o lazer na infância, para assim garantir um envelhecimento mais significativo nesse campo.

A partir daí, iniciei paralelamente outro projeto de pesquisa: “A escola e os espaços lúdicos”, desenvolvido de 1999 a 2000 e depois em uma segunda fase, de 2004 a 2017. Começamos com um bolsista e duas voluntárias, uma das quais é a professora Aline, agora no curso de pós-doutoramento da UFPR. A ideia central desse projeto era investigar e intervir nas escolas públicas para requerer o direito de brincar na escola e na cidade, e enfatizar que as práticas corporais devem ser vivenciadas a partir de outra dimensão que não apenas os aspectos biológicos, mas também os aspectos socioculturais e pedagógicos a partir da alegria do corpo em movimento, tanto na escola quanto em outros ambientes da cidade, prevendo sempre a educação política e reflexiva sobre a cidade e os espaços de lazer. Adotei a bandeira do lazer na cidade como prática de resistência!

Ressalto que, até os anos 2000, o Departamento de Educação Física era composto por poucos doutores. Tínhamos conflitos ideológicos entre as áreas biodinâmicas, pedagógicas e socioculturais, mas conseguíamos conviver e nos respeitar.

1.8 (DES)ESTABILIZAR PARA ESTABILIZAR E (RE)COMEÇAR. 7º MARCO DA MINHA CARREIRA: DOUTORADO E TRANSFORMAÇÕES PESSOAIS

Com essa experiência, inicio o curso de doutorado na Unicamp. **Meu 7º marco acadêmico.** Chego de ônibus à rodoviária de Campinas às 5 horas da manhã, com minha amiga Lenita Sicupira. Sozinhas em uma cidade desconhecida, pedimos informações sobre onde ficava a Unicamp. Finalmente lá, procuramos a professora Heloisa Turini Bruhns.

FIGURA 8: PROFESSORA HELOISA TURINI BRUHNS



FONTE: Jornal da Unicamp. Campinas/SP (2009).

Quando a encontrei, não sabia nem o que falar. Não toquei no assunto sobre vagas para doutorado, pois achei que não era o momento. Era a primeira vez que iniciava um percurso de formação fora de Curitiba e estava em dúvida se conseguiria me afastar semanalmente da família. Tudo era muito complexo, diferente e quase inalcançável. Alguns meses depois, em 1999, resolvi me inscrever no processo seletivo, estimulada por professoras/amigas. Então me submeti a uma seleção para doutorado, com um projeto singelo, mas querendo muito passar, e assim ter a oportunidade de aprender mais sobre o fenômeno do lazer. Os candidatos, na sua grande maioria, já eram estudantes de mestrado da própria Unicamp. Minhas chances eram mínimas, mas entrei naquela sala de entrevista com um sonho – ser doutora pela Unicamp, lugar onde todos os pesquisadores da área do lazer, minhas referências, estavam. E consegui, mas o percurso foi dolorido demais. Além das 18 horas semanais de ônibus durante quatro anos, sofri com algumas questões pessoais. O câncer de mama da minha mãe, quando eu ainda estava no primeiro semestre; divórcio, com duas filhas adolescentes; distanciamento afetivo de minha orientadora, a professora Heloisa Bruhns, que eu admirava e admiro demais, mas que foi muito dura comigo durante o percurso, exigindo o que eu não poderia entregar naquele momento. Dei tudo de mim para atender às suas expectativas, e hoje eu agradeço, porque isso me fez crescer, mesmo tendo sido uma época tão difícil e dolorosa.

Essa época me proporcionou muito aprendizado e transformações, aos 37 anos. Eu me tornei uma nova pessoa, como mulher, mãe, professora e cidadã. Gostava de todas

as aulas a que assistia, amava todos os docentes e transitava por todas as faculdades. Eu passava mais de 12 horas na universidade, pois, além do curso, eu ministrei aulas na graduação durante os quatro anos de doutoramento (fiz 60 créditos). Tive a oportunidade de conhecer muitos amigos e amigas da área, que se tornaram irmãos e irmãs. Atualmente, temos várias parcerias profissionais e acadêmicas. Todos foram muito importantes, mas gostaria de mencionar uma pessoa muito importante para mim nessa época, pois fomos parceiras de república estudantil em Campinas: a professora Silvia Franco do Amaral.

FIGURA 9: FIGURA 9: EU (À ESQUERDA) E MINHA PARCEIRA SILVIA FRANCO DO AMARAL (À DIREITA)



FONTE: RECHIA (2020).

Nesse período, a menina que amava a escola voltou à cena, pois agora podia se expressar, falar, perguntar, questionar. Fortaleci convicções políticas e o desejo de transformar o mundo, porque percebi que não estava só, muitas pessoas da área lutavam para tal. Eu era sócia do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) desde 1997, apresentada pela minha amiga de sempre e para sempre Rosecler Goudert. Entretanto, foi durante esse período que acompanhei de perto o trabalho do professor Lino Castellani (presidente na época) e dos demais diretores, coordenadores de GTTs e secretários estaduais. Ajudei na organização dos congressos de Caxambu, de 2001 e 2003, e fiquei impressionada com a capacidade organizativa da entidade, a solidariedade, o companheirismo e a luta política pela área.

Foram quatro anos intensos até dezembro de 2003, quando finalizei a tese de doutoramento (RECHIA, 2003), orientada pela professora doutora Heloisa Turini

Bruhns, coordenadora da linha de pesquisa “Lazer e Meio Ambiente”, na Faculdade de Educação Física da Unicamp.

Para o desenvolvimento desses estudos, foram necessários referenciais de outras áreas – geografia, arquitetura, sociologia, antropologia, educação, meio ambiente, entre outras – além da educação física, principalmente pelo fato de, até certo ponto, o tema ainda ser inédito na área.

Alguns teóricos fundamentais para os meus estudos foram Jane Jacobs (2000), Milton Santos (1996), Henry Lefebvre (2001), José Guilherme Cantor Magnani (1984), Michel de Certeau (1996), Sebastian De Grazia (1996) e Clifford Geertz (1989).

Na defesa, a banca apontou que minha tese tinha um traço forte na questão do planejamento urbano conectado ao fenômeno da apropriação dos espaços de lazer. Quando me tornei doutora em Educação Física, decidi que teria um grupo de pesquisa e extensão para discutir essa temática com mais profundidade.

Tinha receio de voltar para a UFPR depois desse afastamento, porque muitas coisas tinham mudado. Havia mais doutores e um programa de pós-graduação em andamento na área de Educação Física, com ênfase na subárea biodinâmica. Após a defesa, a professora Ana Marcia Silva, quando viu que eu estava em dúvida sobre me credenciar no programa, incentivou-me a começar minha carreira de pesquisadora, com os argumentos de que esse era um compromisso social; fora dos programas, não se pode fazer a diferença, nem proporcionar que outros professores se tornem mestres e doutores.

Fiquei com a dica em mente!

1.9 O QUE FIZ E FAÇO, FEZ A DIFERENÇA. 8º MARCO DA MINHA CARREIRA: DO CREDENCIAMENTO AO DESCREDENCIAMENTO NO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Quando cheguei à UFPR, solicitei meu credenciamento e ingressei no programa em 2004, assumindo duas disciplinas: “Metodologia” e “Esporte, lazer e cidade”. Nos projetos de pesquisa, pretendia mapear os espaços de lazer do Estado do Paraná e as formas de uso e apropriação. Retomei também o projeto “A escola e os espaços lúdicos”. Em 2006, meus projetos de pesquisa ganham potência em função do programa da REDE CEDES, vinculado ao Ministério do Esporte, que desenvolvo até hoje, há 16 anos.

FIGURA 11: ABERTURA DE UMA CONFERÊNCIA, REPRESENTANDO OS 27 CENTROS DO PROGRAMA REDE CEDES



FONTE: RECHIA (2006).

FIGURA 10: REPRESENTANTES DOS 27 CENTROS DO PROGRAMA REDE CEDES DO BRASIL



FONTE: RECHIA (2006).

Já meus projetos de extensão foram muito potencializados pela política extensionista da UFPR, pois sempre fui contemplada com bolsas para estudantes e com muitos voluntários. Desde o início desse novo ciclo, tentei articular o ensino, a extensão e a pesquisa. Todos os meus orientandos de graduação e pós-graduação passaram pelas três dimensões. A ideia central é conectar o estudar, intervir e pesquisar. Poderia ter sido

fácil essa travessia se não houvesse as disputas de área iniciadas dentro do programa de pós-graduação com reflexos na graduação e na convivência cotidiana. Entramos na era da divisão: os produtivos *versus* os improdutivos, os biologicistas *versus* os humanistas, professores da pós *versus* professores da graduação. Todas as outras dimensões acadêmicas (ensino, extensão, cargos administrativos, comissões, colegiado) passaram a não valer nada e a serem consideradas tarefas dos “fracos”. O que valia era a produção de artigos, principalmente os que estivessem ligados à área biologicista e fossem publicados em revistas internacionais. O restante não tinha importância. Essa tendência discriminatória e quantitativa pautou, inclusive, as relações de amizade, as relações com os discentes, as relações administrativas. Houve, infelizmente, um rompimento dramático no DEF. Nessa altura, comecei a me individualizar cada vez mais, pois “quem não era amigo do rei, não era amigo de ninguém”. Vivemos no DEF um longo período de “isolamento acadêmico” decorrente das visões de mundo totalmente diferentes. Assim fui conduzindo meu trabalho docente, pois já tinha percorrido uma trajetória e me recusava a desvalorizar todas as demais instâncias da formação, principalmente as três subáreas da Educação Física de forma integrada e equilibrada (pedagógica, sociocultural e biodinâmica). Para sobreviver, apostei em conduzir sozinha o meu grupo de pesquisa. Inaugurei o Geplec, em 2004, dentro da nossa “salinha”. Assim, por meio desse percurso, fui delimitando as pesquisas do Geplec, estabelecendo o foco das investigações nas formas de apropriação dos parques na cidade de Curitiba, tendo, atualmente, como objeto central, a relação entre cidade e lazer.

Trabalhamos muito, fazendo diariamente um grande esforço para nos mantermos “produtivos” dentro do programa, além de ativos na graduação e na extensão. E percebi que “não podemos controlar o vento, mas sim ajustar o sentido da vela”.

Em 2008, fui contemplada pela Secretaria Nacional de Desenvolvimento de Esporte e Lazer (SNDEL) com o Edital referente ao Programa Esporte e Lazer da Cidade (PELC). Para começar as ações partimos do seguinte questionamento: Como conectar universidade e cidade? Como transformar ambientes sociais e seus saberes em espaços propícios para experiências formativas no âmbito da Educação Física a partir do PELC/UFPR de forma indissociável?

Entendo que a Extensão Universitária não é qualquer trabalho fora da universidade ou um mero serviço assistencialista prestado à população carente, mas sim um espaço acadêmico que possibilita conectar aprendizado, produção e aplicação prática em prol do desenvolvimento de uma determinada comunidade. Nessa direção, há uma

relação dialética entre comunidade-universidade, isto é, nessa troca dos saberes a comunidade contribui de forma efetiva para a instituição que a beneficia, passando-lhe experiências da vida real, dando crédito aos saberes acadêmicos sistematizados e justificando o que se realiza nas áreas de ensino e pesquisa. Acredito que a Extensão Universitária tem um papel efetivo para a melhoria de vida em comunidade, ao mesmo tempo que possibilita aos professores e alunos qualificar suas ações pedagógicas, por isso nessa trajetória desenvolvi muitos e variados projetos de extensão.

Com esse pano de fundo, o Geplec²/UFPR conectou a implantação do programa PELC a dois de seus projetos já existentes. O primeiro, de Extensão Universitária, intitulado “UNIVER-CIDADE: um giro pela cidade brincando, aprendendo e preservando”, que conectava o lazer à educação ambiental, e o segundo, intitulado “Diagnóstico de Políticas Públicas de Esporte e Lazer do Estado do Paraná”, com o objetivo de realizar estudos sobre espaços e equipamentos de esporte e lazer, financiado pela REDE CEDES/PR³ e UFPR. Nesses dois estudos, detectamos que a preservação de ambientes naturais no meio urbano (praças e parques) está diretamente ligada às formas de apropriação no âmbito das experiências do lazer e do esporte. A partir dessa constatação emerge a necessidade de (re)significação dos espaços vinculada à necessidade de preservação do meio ambiente e ao exercício da cidadania.

Com esse objetivo, implantamos três núcleos do PELC/UFPR. Esse projeto nos fortaleceu muito. Na época, com os 380 mil reais que recebemos, fundamos os três núcleos de esporte e lazer na cidade em comunidades de alta vulnerabilidade social: dois em Curitiba (Vila Audi-União e Vila Zumbi) e um no litoral do Paraná (em parceria com o Setor Litoral da UFPR). Aqui especificamente relatarei brevemente as ações do Núcleos, desenvolvidos nesses bairros, todos considerados bolsões de pobreza, com moradias precárias, localizados nos arredores dos centros das cidades. Geralmente locais de ocupação abrigando muitas famílias.

² O Grupo de Estudos e Pesquisas em Lazer, Espaço e Cidade (Geplec), inserido no Centro de Pesquisa em Esporte, Lazer e Sociedade (CEPELS) da Universidade Federal do Paraná, desenvolve os projetos “A escola e os espaços lúdicos”, financiado pela Pró-Reitoria de Graduação da UFPR; “Univer-cidade: um giro pela cidade brincando, aprendendo e conservando”, financiado pela SNDEL, por meio do Programa Esporte e Lazer da Cidade (PELC), e pela Pró-Reitoria de Extensão da UFPR; SESI/CEPELS intitulado “Análise sobre os espaços e equipamentos de esporte e lazer das indústrias do Paraná”, entre outros que serão citados diretamente neste texto.

³ Especificamente no Geplec/UFPR é desenvolvido o projeto “Análise dos Espaços e Equipamentos de Esporte e Lazer do Estado do Paraná”, que faz parte do Projeto “Diagnóstico das políticas públicas de Esporte e Lazer do Estado do Paraná”, em andamento desde 2005 com a implantação do Programa Rede Cedes na UFPR/DEF, financiado e gerenciado pela Secretaria Nacional de Desenvolvimento de Esporte e de Lazer (SNDEL) do Ministério do Esporte.

As ações que compreenderam o projeto visaram agregar, além das atividades culturais, uma série de ações extensionistas vinculadas à saúde, educação, inclusão social, entre outras. A meta foi levar a essas comunidades o que o Geplec tinha de melhor, sustentados na ideia de que o verdadeiro sentido da educação e do aprendizado era a troca entre o saber popular e o acadêmico e a possibilidade da vivência do mundo concreto para alunos e professores envolvidos. A imagem abaixo é um dos registros feitos durante as atividades promovidas pelos bolsistas do PELC em uma das comunidades atendidas.

FIGURA 12: REGISTRO DE UMA ATIVIDADE REALIZADA PARA A COMUNIDADE ATENDIDA PELOS BOLSISTA DO PELC (2008)



FONTE: RECHIA (2020).

A escolha dos conteúdos trabalhados partiu da ideia de que as atividades teriam como pano de fundo o entendimento do fenômeno lazer como prática social, pedagógica e política e assim ver no conjunto das ações a possibilidade de produção e construção de uma prática que contribuísse para a emancipação e a reflexão crítica dos sujeitos envolvidos, conectados com a realidade concreta e sentindo-se parte integrante do lugar que ocupam naquele contexto.

Trabalhamos arduamente para implantar as ações, qualificar os equipamentos e formar líderes comunitários. O trabalho foi tão intenso que permanecemos na Vila Audi-

União por mais 10 anos, o que resultou em muitos projetos de extensão, pesquisa e campo empírico para a graduação. Orientei muitos trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses de doutoramento, tendo essa comunidade como *locus* investigativo.

1.10 ENTRE A EXPECTATIVA E O MEDO DE ATRAVESSAR O OCEANO ATLÂNTICO. 9º MARCO DA MINHA CARREIRA: O DESAFIO DO PÓS-DOUTORAMENTO EM BARCELONA/ESPANHA

No pós-doutoramento em Barcelona, fui carinhosamente recebida pelo professor dr. Javier Olivera Bétran. Lembro-me com saudades dos nossos encontros para discutir a pesquisa. O conhecimento, compromisso, estímulo e afeto eram suas marcas. Sempre preocupado com o meu bem-estar e o das minhas filhas, em Barcelona. Apresentou-me vários pesquisadores importantes de planejamento urbano e políticas públicas. Abriu portas para que eu pesquisasse em órgãos públicos da cidade. Enfim, foi a peça principal desse período de formação. Infelizmente, o dr. Javier faleceu em 2018.

FIGURA 13: INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA CATALUNHA E PROFESSOR JAVIER OLIVERA BÉTRAN (À DIREITA)



FONTE: RECHIA (2020).

Aproveito para agradecer novamente à professora Ana Marcia Silvia, que me ensinou o caminho das pedras. Além de ter me encorajado, deu-me todas as dicas e me apresentou ao professor. Fui sozinha para um país estrangeiro, sem falar a língua (catalão e espanhol), levando minhas duas filhas (na época com 15 e 18 anos) e uma sobrinha (na época com 20 anos). Foram tantos aprendizados durante o ano que passei em Barcelona que seria impossível relatá-los aqui, mas um em específico foi o mais abrangente: aprendi

que o mundo é muito maior do que eu sonhava e viver com qualidade de vida e alguns direitos sociais garantidos não é sonho, é realidade, e é possível! Caminhando em diferentes lugares de Barcelona e de outras cidades e outros países com um mapa na mão – o que me rendeu uma fratura no pé –, registrei e elaborei um banco de dados dos espaços e equipamentos de lazer, e consegui analisar as políticas públicas em relação ao lazer. Tive oportunidades acadêmicas fantásticas, estudei muito, escrevi e produzi artigos, além de ter exercido meu papel de mãe amiga e companheira, o que até hoje tem reflexos nos laços afetivos familiares.

Durante meu afastamento, o Geplec se manteve ativo, unido e produtivo, e me orgulhou muito constatar que meus orientandos e bolsistas têm com o grupo compromissos que estão muito além do meu comando. Durante esses 20 anos, conseguimos criar laços e identidades que superam ausências e distanciamentos. Estamos sempre juntos!

Em 2010, quando retornei ao Brasil, percebi que era uma nova professora. Avancei nas reflexões, nas análises críticas, passei a dar exemplos de outras realidades mundiais e dar esperança aos meus alunos e alunas. Ajudei uma doutoranda a fazer o doutorado sanduíche pelo mesmo percurso em Barcelona, com orientação do professor Javier. Nessa época, fui convidada para muitas palestras, conferências, cursos, consultorias. A formação de professores foi um trabalho muito intenso; e a formação de técnicos de lazer do SESC/São Paulo foi uma experiência significativa e gratificante, pelo tema que norteou a discussão – a apropriação dos espaços públicos. Pude percorrer todo o Estado de São Paulo, conhecendo diversas realidades, o que para mim foi de grande crescimento profissional.

1.11 A TEMPESTADE NO MEIO DA TRAVESSIA. 10º MARCO DA MINHA CARREIRA: A RUPTURA NO DEF

As relações do DEF durante esse afastamento se aprofundaram. Quando cheguei, me vi no meio de um furacão, pois os distanciamentos e as disputas de poder estavam cada vez mais acirrados, e essa situação logo convergiu para o que parecia inevitável, a ruptura. Quando alguns colegas sugeriram dividir o Departamento de Educação Física em dois cursos – Educação Física e Ciências do Movimento – fiquei perplexa; e juntamente com outros colegas, também contrários, movemos esforços durante um ano contra esse projeto. **Considero esse meu 10º marco acadêmico**, porque

precisamos estudar muito a área de Educação Física para elaborar documentos teóricos que impedissem essa divisão equivocada, lideramos um movimento político contra a proposta e conseguimos reverter esse processo no Conselho Universitário.

Conseguimos, mas eu sofri muitas consequências, inclusive fui descredenciada do programa de pós-graduação assim que cheguei do pós-doutorado, com bolsa da CAPES, por ter sido considerada improdutiva pelo coordenador do programa à época, já que faltavam 30 pontos para os 250 pontos exigidos. Era apenas uma questão de tempo conseguir pontuação – maior, inclusive –, já que tinha submetido artigos e apenas aguardava as aprovações. Mas os argumentos foram em vão, e fui descredenciada injustamente, já que a única exigência após o retorno seria orientar em programas de pós-graduação.

Quando soube do ocorrido, o professor Marco Stigger me aconselhou a lutar pelos meus direitos. Entrei com um processo de reinserção ao programa, que passou por todas as instâncias da universidade até chegar ao Conselho Universitário e, depois de um ano, muitos documentos e argumentos, finalmente consegui voltar ao programa de pós-graduação em Educação Física. Um fato que me marcou profundamente foi que, no edital de abertura das vagas de mestrado e doutorado, meu nome apareceu na lista dos professores com um asterisco e a nota explicativa: vaga conseguida pelo Conselho Universitário. O que a princípio pareceu discriminatório, para mim foi a explicitação do valor dos processos democráticos da universidade pública, os quais garantem a luta pelos direitos e uma certa justiça social.

Mas, como bem disse a Monja Coen: “Não conseguiremos mudar o que sentimos, mas podemos transformar a forma como escolhemos sentir e reagir”.

1.12 O TRABALHO COLETIVO COMO PRINCÍPIO BÁSICO. 11º MARCO NA MINHA CARREIRA: TUTORA DO GRUPO PET

Em 2010, eu era tutora de grupo PET/Educação Física. Isso aconteceu porque, ao apresentar o Geplec em congresso, um professor que assistia à apresentação comentou que o grupo parecia um grupo PET, e sugeriu que submetêssemos um projeto para o MEC, pois abria um edital nacional para novos grupos PET, o que era um fato inédito, depois de muitos anos sem abertura de editais nessa modalidade. Submeti um projeto e fui contemplada. Como consequência, passei a receber mais 12 bolsistas, além dos muitos que já circulavam pelo Geplec, entre voluntários, IC, mestrandos, doutorandos, extensão,

rede Cedes, monitores da disciplina, orientandos de monografia. Enfim, muitos alunos e alunas e uma professora. Fizemos tantas ações de ensino, pesquisa e extensão que seria impossível relacioná-las neste memorial, mas ressalto os Festivais de Inverno da UFPR, na cidade de Antonina, litoral do Paraná. Nossa ação foi denominada “A praça é nossa, vem brincar você também, vêm!” porque há 15 anos coordeno esse projeto vinculado à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura e recebemos nessa praça em média 600 pessoas da comunidade por dia, durante uma semana do mês de julho. Também desenvolvemos muitas ações na universidade para técnicos administrativos e docentes, e na Vila Audi-União, com diferentes temas.

FIGURA 14: BOLSISTAS PET/EDUCAÇÃO FÍSICA NO FESTIVAL DE INVERNO DA UFPR (2015)



FONTE: RECHIA (2015).

Um traço muito especial desse grupo é que mantemos a amizade acima de tudo. Construimos uma base sustentada em solidariedade, afeto, profissionalismo, compromisso, cooperação e em muitas intervenções em praças, parques, escolas, universidade. A ideia foi colocar em prática todas as pesquisas. Raramente precisei administrar conflitos e, quando isso aconteceu, conseguimos superar e avançar. Um fato que considero muito relevante em relação à função de tutora de grupo PET, no período de 2010 a 2018, foi que a maioria dos bolsistas tornou-se professor da Rede Municipal e Estadual de Ensino do Paraná, de universidades públicas e particulares, em Institutos Federais, mestre, doutor e pós-doutor. E o mais interessante é que continuam frequentando o Gepec, alguns há mais de 12 anos.

Em conjunto com esses egressos, em 2015/2016, propusemos aos docentes da rede pública o curso gratuito de formação continuada “Lazer e cidade”, com carga horária de 60 horas e aulas à noite e aos sábados. Houve mais de 70 inscritos e o resultado foi fantástico. Incentivamos e acompanhamos vários projetos pedagógicos sobre o tema em escolas públicas. Outro exemplo foi ter ajudado a professora Vania Girardi a voltar a estudar. Ela fez mestrado e está no doutorado sob minha orientação. Muitos desses professores frequentam nosso grupo até hoje e são parceiros de várias ações extensionistas nas escolas em que trabalham.

Percebi que **Freire estava certo quando afirmou que “amorosidade é imprescindível no ato de educar”**.

E quando tudo já parecia ser muito trabalhoso e complexo, mais um desafio apareceu em minha carreira, **o 12º marco acadêmico!**

1.13 TUDO É FLUXO, REFLUXO E REFLEXO. 12º MARCO NA MINHA CARREIRA: DE ASSOCIADA A PRESIDENTE DO CBCE

Em uma tarde fria de 2013, sozinha no DEF após o expediente, recebo um telefonema em minha sala. Era o professor Marcos Tartaruga da UFRGS, na época presidente do CBCE. Estavam organizando a nova gestão e por isso consultando pessoas para compor a chapa. Eu me prontifiquei a ajudar na divulgação, mas a proposta do professor Marcos era me oferecer a posição de presidente. Eu fiquei em silêncio por alguns instantes – impactada, anestesiada – e então respondi que seria impossível. Não estava preparada para um compromisso e uma responsabilidade dessa dimensão, e nossa área tem nomes muito mais representativos. Como ele insistiu durante mais alguns dias, resolvi consultar as bases, meus amigos e amigas da área. Novamente a professora Ana Marcia Silvia (ex-presidente do CBCE) entrou na minha história quando disse que a posição de presidente foi para ela praticamente mais um doutorado. O professor Fernando Mascarenhas (também ex-presidente do CBCE) me disse que era a minha vez de ajudar o CBCE.

FIGURA 15: FIGURA 14: FERNANDO MASCARENHAS (À ESQUERDA), EU, E ANA MÁRCIA SILVA (À DIREITA)



FONTE: RECHIA (2015).

Perguntei ao Geplec e para minha família se eles aceitavam esse novo desafio, e todos me apoiaram. Depois de muita reflexão, aceitei o convite, e fui presidente do CBCE de 2013 a 2017. Foram quatro anos intensos, realmente um doutorado. Passei por todas as fases do doutoramento: aprendizado do trabalho administrativo e político diário; desenvolvimento teórico/prático aprofundado da grande área de Educação Física e de todas as suas interfaces com outras áreas do conhecimento para produzir documentos e posicionamentos; pesquisa empírica (visitei muitas universidades públicas do Brasil); discussão dos resultados (participei de muitas discussões em setores diferentes em Brasília, com órgãos representativos da área de Educação Física e áreas afins); e a conclusão, com muitas ações com temas emergentes que iam surgindo o tempo todo, organizamos, com colegas das universidades, sedes UFV e UFG, dois grandes eventos nacionais/internacionais – CONBRACE de Vitória (2015) e de Goiânia (2017).

FIGURA 16: CERIMÔNIA DE POSSE DA PRESIDENCIA DO CBCE – 2ª GESTÃO (2015-2017)



FONTE: RECHIA (2015).

O processo foi muito complexo e aos poucos fui desenvolvendo habilidades de diálogo e de convivência respeitosa com todas as subáreas da Educação Física.

FIGURA 17:SECRETÁRIOS DA EQUIPE ADMINISTRATIVA DO CBCE



Legenda: Agradecimento especial ao meu “timão” administrativo do CBCE: Gabriela, Karine, Luize e Silvan.
FONTE: CARDOSO (2017).

Desenvolvemos várias ações, mas deixo aqui registrado as seguintes:

A. (Re)colocar o CBCE e os pesquisadores da área de Educação Física como protagonistas dos programas de pós-graduação da área 21 da Capes a partir das seguintes ações:

- I Fórum de Pós-Graduação, em Vitória (2014)
- II Fórum de Pós-Graduação, em Porto Alegre (2014)
- III Fórum de Pós-Graduação, em Curitiba (2015)
- IV Fórum de Pesquisadores e Fórum de Pós-Graduação, em Porto Alegre (2016)

FIGURA 18: REUNIÃO NO GABINETE DA DIRETORIA DE AVALIAÇÃO DA CAPES



Legenda: Da esquerda para a direita: Prof. Arlindo Phillippi Junior, ex-diretor de Avaliação da CAPES, eu, professores Marco Paulo Stigger e Vicente Molina.
 FONTE: Página do Facebook - CBCE DN (2015).

B. Participações em reuniões institucionais como estratégias de atuação do CBCE nas grandes discussões nacionais sobre a Educação Física.

Conexão do CBCE com a SBPC.

C. Reuniões do Grupo de Trabalho do Sistema Nacional do Esporte (GTSNE).

D. Trabalho coletivo com diversos pesquisadores da área: discussões/debates e elaboração dos seguintes documentos:

- A luta pela capoeira: patrimônio histórico imaterial ou esporte?
- A luta pela dança na BNCC: tensão entre a formação em Educação Física e a formação em dança
- A luta pelas Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Física (DCNEF)

E. Árdua luta em períodos políticos difíceis: a realização dos grandes eventos do CBCE

- XIX Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e VI Congresso Internacional de Ciências do Esporte (CONBRACE), em Vitória (ES), com o tema “Territorialidade e diferenças regionais no Brasil e na América Latina: conexões com a Educação Física e Ciências do Esporte” (2015)

FIGURA 19: CARTAZ DE DIVULGAÇÃO DO XIX CONBRACE/VI CONICE (2015)



FONTE: CBCE (2015)

- XX Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e VII Congresso Internacional de Ciências do Esporte, em Goiânia (GO), com o tema “Democracia e Emancipação: desafios para a Educação Física e Ciências do esporte na América Latina (2017)

FIGURA 20: CARTAZ DE DIVULGAÇÃO DO XX CONBRACE/VII CONICE (2017)



FONTE: CBCE (2017)

Eventos regionais:

- VI Congresso Norte Brasileiro de Ciências do esporte (CONCENO), em Rio Branco (AC), com o tema “Esporte, Lazer, Educação Física e Educação: caminhos significativos para a formação” (2017).
- VI Congresso Nordeste de Ciências do Esporte (CONECE), em Natal (RN), com o tema “Lazer, Práticas Corporais, Estado e Participação Popular” (2016).
- IX Congresso Goiano de Ciências do Esporte (CONGOCE), em Quirinópolis (GO), com o tema “As Bases Nacionais Curriculares Comuns” (2016).
- VIII Congresso Sul-Brasileiro de Ciências do Esporte, em Criciúma (SC), com o tema “Implicações dos novos marcos legais para a Educação Física, o esporte e o lazer” (2016).
- V Congresso Norte-Brasileiro de Ciências do Esporte, em Belém (PA), com o tema “A formação e atuação em Educação Física, lazer e ciências do esporte no Norte do Brasil” (2014).
- VII Congresso Sul-Brasileiro de Ciências do Esporte, em Matinhos (PR), com o tema “Percursos e percalços do trabalho no lazer, no esporte e na escola: tensões e perspectivas em ‘tempos de megaeventos’” (2014).
- V Congresso Sudeste de Ciências do Esporte, em Lavras (MG), com o tema “Educação Física/Ciências do Esporte: políticas, dilemas e controvérsias” (2014).
- VI Congresso Centro-Oeste de Ciências do Esporte, em Jataí (GO), com o tema “Realidade e perspectivas da Educação Física no Centro-Oeste brasileiro: legitimidades da formação e da intervenção profissional” (2014).
- V Congresso Nordeste de Ciências do Esporte, em Guanambi (BA), com o tema “(Re)pensando a Educação Física no século XXI: formação, intervenção e identidade profissional” (2014).

Embora o período de gestão em questão seja demasiadamente extenso e complexo para ser tratado em tão poucas páginas, obrigando-me a não nomear todas as pessoas que participaram dessas realizações, e ajudaram a torná-las possíveis, essa breve síntese tem o objetivo de apenas rever alguns fatos marcantes que estavam sendo impactados por ações políticas e sociais no Brasil. Apesar das dificuldades e dos desafios que enfrentamos, é inegável o papel dessa entidade científica nos rumos da Educação Física brasileira que, mesmo em meio a disputas, os efeitos de nossas ações se fazem sentir e alteram muitas vezes os rumos de grandes discussões no âmbito educacional, político e científico do país, qualificando as atividades de professores, pesquisadores e profissionais da área, de todas as regiões do Brasil e da América Latina. Assim, agradeço imensamente a todos os meus amigos e amigas que, citados ou não neste memorial, colaboraram nesse trabalho coletivo ou fizeram parte dele.

Finalizo a descrição dessa experiência como presidente do CBCE, com um poema de Paulo Leminski

Um poema leva anos
 Um bom poema leva anos
 Cinco jogando bola
 Mais cinco estudando sânscrito
 Seis carregando pedra
 Nove namorando a vizinha
 Sete levando porrada
 Quatro andando sozinho
 Três mudando de cidade
 Dez trocando de assunto
 Uma eternidade, eu, você, caminhando junto
 (Paulo Leminski)

Vida longa ao CBCE!

1.14 VOAR EXIGE CORAGEM. 13º MARCO DA MINHA CARREIRA: VOO PARA OUTROS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO PARA SOBREVIVER E AMPLIAR OS ESTUDOS DO GEPLC

Terminado esse processo, entro no **13º marco da minha carreira**. Continuo meu trabalho na graduação e pós-graduação em Educação Física, mas sou convidada a compor o quadro de professora permanente também no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Esse convite muito me honrou, porque me aproximou das discussões sobre o fenômeno do lazer com pesquisadores dessa temática específica. E, no fim de 2017, também me credenciei no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPR. Com a disciplina: Corpo, Lazer e Cidade. A seguir a Ementa:

A partir do desenvolvimento das grandes cidades e em distintos universos históricos, sociais e geográficos, as experiências no âmbito do tempo e espaço de lazer têm se constituído um importante fenômeno cultural, capaz de mobilizar, em torno de si, indivíduos de diferentes lugares, estratos sociais, gêneros, idades e posições ideológicas. A partir desses pressupostos essa disciplina pretende discutir como a conexão entre corpo, lazer e cidade insere-

se na dinâmica educacional, sustentada na ideia de Cidade Educadora, em que a interação dos diversos tipos de conhecimentos proporcionam a transformação vivencial e novas dinâmicas de construção e apropriação dos espaços físicos e culturais da cidade a partir do corpo em movimento (Ementa da disciplina corpo, lazer e cidade).

Esse processo de pesquisa iniciado pela Educação Física, passando posteriormente a agregar os estudos do lazer e, hoje, a educação, não foi por acaso, seguiu o fluxo das pesquisas do Geplec. Conforme fomos progredindo, encontramos pontos de articulação, e sentimos a necessidade de agregar práticas corporais, lazer e educação na cidade. Na primeira fase de pesquisas do Geplec, mapeamos espaços e equipamentos de esporte e lazer das cidades. Já na segunda fase, apostamos nas análises de baixo e de perto das experiências de lazer realizadas nesses ambientes, a articulação e a cultura local e global das escolhas e das formas de uso e apropriação, assim como a influência dos grupos de ativismos sociais, as questões de inclusão e exclusão, raça, gênero e idade, seus sentidos e significados e as políticas públicas. A terceira fase está em andamento, com a investigação da maneira como podemos educar politicamente os sujeitos em idade escolar para resistirem e lutarem pelo direito à cidade e, conseqüentemente, aos espaços e equipamentos de lazer. Estamos apostando na educação urbana e nas experiências de lazer e ócio como ferramentas de RESISTÊNCIA.

Na imagem a seguir, um momento muito importante da minha carreira. Conseguimos, depois de muita luta política, levar ao poder público e tornar realidade na cidade de Curitiba os resultados das pesquisas do Geplec. Foi inaugurado um espaço de lazer no Parque São Lourenço, intitulado “Roda Inclusiva”, após articulação entre UFPR/Geplec, Secretaria da Pessoa com Deficiência e Secretaria do Meio Ambiente de Curitiba. A bandeira foi: Parque para todas e todos!

FIGURA 21: INAUGURAÇÃO DA RODA INCLUSIVA NO PARQUE SÃO LOURENÇO/CURITIBA



FONTE: Página do Facebook - GEPLEC (2016).

1.15 SEMPRE HÁ UM CÉU AZUL E UM PÔR DO SOL ESPERANDO PARA SEREM VISTOS - 14º MARCO DA MINHA CARREIRA: UMA NOVA LENTE PARA ENXERGAR O MUNDO NO PÓS-DOCTORAMENTO EM AVEIRO, PORTUGAL

Em 2018, inicio o 14º marco acadêmico, o curso de pós-doutorado em Aveiro/Portugal. Aproveito aqui para agradecer meu amigo professor Helder Isayama, da UFMG, por ter me posto em contato com a professora Maria Manuel Baptista, que me recebeu de braços abertos.

FIGURA 22: HELDER FERREIRA ISAYAMA E EU



FONTE: RECHIA (2017).

Sobre minhas impressões das aulas e ações no grupo de pesquisa, menciono a frase de Richard Sennett: “Os professores dão lições, os grandes professores, dúvidas”. Considero Maria Baptista minha grande professora durante esse segundo pós-doutoramento em Portugal. Gerou em mim muitas dúvidas e reflexões. Guiada por ela, lapidei meu olhar sobre o mundo pela lente dos Estudos Culturais. Aprofundei meus estudos em Stuart Hall e compreendi melhor as questões do colonialismo e descolonialismo. Também reforcei minhas convicções sobre cultura e sobre as relações entre teoria e prática, sobretudo que o conhecimento é a luta entre teorias que estão em vigor em determinadas áreas do saber e que não mais abarcam a realidade, portanto precisam ser descritas, modificadas, transformadas, e isso só é possível a partir de movimentos de RESISTÊNCIA em contextos em que o conhecimento está institucionalizado em torno de projetos e de grupos de pessoas específicos.

A cultura vai mudando, então devemos mudar também os instrumentos investigativos em função da complexidade da sociedade. Assim, devemos considerar história particular, contexto particular, país particular. A “ideia força” de que jamais esquecerei é que os pontos de ARTICULAÇÃO são importantes. As respostas não são isso ou aquilo, mas isso E aquilo.

FIGURA 23: GRUPO DE PESQUISA GECE/UNIVERSIDADE DE AVEIRO



FONTE: RECHIA (2019).

Em parceria formada pelos grupos de pesquisa, realizamos dois eventos interinstitucionais: I Seminário Internacional de Cultura, Território e Lazer: diálogos entre políticas públicas do Brasil e Portugal, na Universidade de Aveiro, Portugal, em julho de 2019, e o II Seminário Internacional de Lazer, Cultura e Território: diálogos sobre o corpo e a cidade entre Brasil e Portugal e II Seminário Linguagem, Corpo e Estética na Educação, ambos realizados na Universidade Federal do Paraná, em Curitiba (PR), em dezembro de 2019. Também estamos iniciando uma parceria interinstitucional com o projeto de pesquisa intitulado: “GIRO: gênero, idade, raça e ócio/lazer”.

1.15.1 Contribuição dos meus afastamentos para pós-doutoramento fora do país

A oportunidade de aprofundar as pesquisas é uma experiência acadêmica (e pessoal) enriquecedora. A ampliação dos horizontes de pesquisa no Gepec e abertura ao diálogo e a novos contatos com professores, pesquisadores e gestores, de forma conectada, foram tensas, porém desafiadoras.

Vivenciar situações de ensino-aprendizagem em instituições internacionais foi uma excelente forma de complementar a formação pessoal iniciada na PUCPR e na UFPR, a partir da interação com outros pesquisadores, professores e acadêmicos, que se debruçam sobre temáticas semelhantes (e, por que não, distintas também), proporcionando acesso a conhecimentos mais atualizados e/ou diversificados. O contato

com metodologias de ensino e pesquisa diversificadas ou inovadoras aprimorou a dimensão prática e técnica do fazer científico em relação aos estudos do lazer desenvolvidos no Gepec. Além disso, possibilitou compartilhar êxitos e também dificuldades no desenvolvimento das pesquisas.

A realização de pesquisas relacionadas à temática permitiu a formação, expansão e solidificação do arcabouço teórico por meio das leituras e discussões, contribuindo para o processo de crescimento do Gepec. Esses afastamentos também possibilitaram participar de eventos, como congressos, seminários, *workshops*, ampliando a rede de formação e divulgação dos achados das pesquisas.

As experiências adquiridas foram transmitidas por vias formais, a partir da elaboração de artigos em coautoria (ampliando o alcance das pesquisas realizadas por ambas as instituições, UFPR e universidades europeias), mas também a partir de meios informais, tais como palestras na graduação e pós-graduação e rodas de conversa, de modo a inspirar outros estudantes a se prepararem e almejarem tais oportunidades em sua jornada acadêmica.

1.15.2 Redes de pesquisa, novas parcerias, democratização dos resultados

O compartilhamento de ideias, métodos, teorias, opiniões e experiências enriqueceu o processo de construção do conhecimento, ao trabalhar em conjunto com outros pesquisadores e grupos de pesquisa vivenciando concretamente as situações de pesquisa (discutindo-as, questionando-as, experimentando-as), o que pode facilitar a apreensão do conhecimento, tornando-a mais efetiva.

Além disso, a consolidação de novas parcerias entre grupos de estudos do Brasil e de outros países pode abrir portas para futuros intercâmbios e proporcionar maior colaboração entre pesquisadores, os quais, imersos em diferentes realidades, poderão identificar pontos de convergência e divergência no desenvolvimento de nossas pesquisas.

A potencialização desse projeto guarda-chuva intitulado GIRO, além de promover a minha formação individual, pode potencializar a visibilidade dos Programas de Pós-Graduação em que estou inserida na UFPR e na UFMG no cenário internacional, fortalecendo as publicações científicas em periódicos qualificados e ampliando o desenvolvimento científico no que diz respeito principalmente aos estudos no campo do lazer e cidade, tema ainda periférico no âmbito educacional.

1.15.3 Relevância para o desenvolvimento científico no Brasil das pesquisas realizadas no Geplec

O objetivo foi sempre mostrar a professores, líderes comunitários, gestores, políticos, responsáveis pelo desenvolvimento de políticas públicas, que soluções efetivas e imediatas em relação à animação ou manutenção/preservação/conservação/revitalização/reconversão de espaços públicos podem ser rápidas e baratas e que a qualidade desses espaços sempre foi melhor definida pelas pessoas que os utilizam. Mudanças acessíveis, em curto prazo e de escala humana na configuração urbana vêm criando e transformando espaços e comunidades.

As atividades de lazer podem ser uma das formas de promover a cidadania do espaço urbano; atividades positivas e a percepção de vitalidade, associadas à “animação” de um espaço público, atraem atenção positiva a esses espaços e catalisam comunidades em torno de objetivos comuns, tornando-as protagonistas do seu cotidiano.

Conhecer formas inovadoras de pensar o espaço público e identificar práticas de sucesso pode gerar oportunidades de melhoria de espaços públicos anteriormente negligenciados, fornecer indícios de experiências concretas sobre como incluir e lidar com os anseios das comunidades para futuros esforços de planejamento, reunir diversas partes interessadas na geração de soluções, capacitar as comunidades e valorizar sua capacidade criativa, contribuindo para o desenvolvimento de futuras políticas públicas de gestão dos espaços.

Além disso, novas ferramentas e políticas podem ser descobertas, gerando a tomada de novas atitudes, na tentativa de minimizar e/ou solucionar problemas e questões que afetam a vida diária da população urbana brasileira.

1.15.4 Relevância para a discussão sobre uma vida de qualidade no Brasil

Como já exposto, as pesquisas do Geplec geralmente objetivam realizar melhorias no ambiente urbano, principalmente nos espaços públicos das cidades, o que vem captando a atenção de urbanistas, gestores políticos, artistas, planejadores e membros da comunidade. Apresentando benefícios diversos, as ações de (re)modelamento, (re)territorialização, (re)construção/criação de espaços comunitários podem proporcionar mais qualidade de vida à comunidade e, ao mesmo tempo, atrair investimentos. Pela maneira como se organiza, trata-se de uma forma de urbanismo tático,

de baixo custo, de soluções relativamente simples e rápidas (quando conduzido apropriadamente e resguardando seus princípios de coletividade, autonomia, ação cidadã, etc.). No atual momento de austeridade, investimentos em espaços públicos são vistos como “supérfluos”. Assim, iniciativas em curto prazo oferecem flexibilidade e servem como um meio contínuo e persistente de transformar e alterar paisagens, tornando o espaço público um palco da vida urbana a partir da utilização de poucos recursos.

No entanto, mais do que o produto da transformação física dos espaços, a ênfase no processo é que pode demonstrar sua eficiência. A construção do capital social, gerado a partir das discussões deliberativas, do engajamento e colaboração cidadãos e da criação de conexões, nutre as capacidades das comunidades, colocando-as à frente dos processos, fazendo emergir também lideranças locais. O desenvolvimento desse capital social empodera as comunidades e as estimula a lutar pelo direito à cidade e a uma cidade de qualidade, que atenda aos seus anseios, além de formular ações e eventos, enfim, criar seus espaços de forma “autônoma”.

Alguns autores afirmam que a saúde cívica e pessoal está em risco pela diminuição das atividades comunitárias e de compartilhamento entre as pessoas, causada pelo urbanismo difuso, a priorização da locomoção por automóveis, a redução de espaços livres nas cidades. Assim, as pesquisas sobre esse tema ancorado na importância das experiências de lazer nas cidades podem ser uma resposta à destruição sistemática da humanização das cidades contemporâneas, trazendo transformações positivas para as pessoas e comunidades.

Com esses quatorze marcos acadêmicos, finalizo a primeira etapa deste memorial citando Nelson Rodrigues: “Aprendi a ser o máximo possível de mim mesmo”.

E, inicio a segunda parte, em que pretendo descrever o trabalho do Geplec de forma mais sistematizada.

2 O GEPEC: DE BAIXO E DE PERTO

FIGURA 24: TIMÃO GEPEC PARTICIPANDO E ACOMPANHANDO A GRADUAÇÃO (2011)



FONTE: RECHIA (2011).

2.1 OS PRIMEIROS PASSOS: COMPANHEIRISMO, SOLIDARIEDADE E LAÇOS AFETIVOS

A intenção desta parte do memorial é descrever como transcorre o trabalho cotidiano do Grupo de Estudos e Pesquisas em Lazer, Espaço e Cidade (Gepec), da Universidade Federal do Paraná (UFPR), e quais são os estudos e as pesquisas sobre espaços e equipamentos de lazer nas cidades produzidos pelo grupo a partir da discussão de alguns de seus principais resultados.

Optei por apresentar a produção do conhecimento sobre esse tema contemplando tanto as pesquisas que trazem dados mais objetivos, ou seja, de cunho mais quantitativo, as quais nos permitem compreender uma importante faceta da sociedade, quanto pesquisas mais qualitativas, que possibilitam que esses dados sejam recolocados no contexto social que lhes dá origem, oportunizando uma compreensão mais apurada do fenômeno do lazer.

Desse modo, tenho como objetivos específicos descrever os processos de criação e organização do Gepec, mapear e identificar a produção do conhecimento no que tange

à temática do grupo e discutir os principais resultados das pesquisas e estudos desse coletivo.

Para tanto, uso como referência, transcrevo e complemento dados do capítulo “Lazer e cidade que realidade é essa? O que a produção do Geplec /UFPR aponta sobre esse tema”, da obra *Lazer no Brasil: grupos de pesquisa e associações temáticas* (UVINHA, 2008), que escrevi em parceria com minha orientanda de pós-doutorado Aline Tschoke, minha primeira bolsista de extensão da UFPR (1997), e depois bolsista IC, monitoria, Rede Cedes, Pelc, mestranda, doutoranda e atualmente pós-doutoranda. Muito orgulho e agradecimento.

FIGURA 25: ALINE TSCHOKE E EU... SEMPRE JUNTAS



FONTE: RECHIA (2019).

2.2 OS PRIMEIROS PASSOS DO GEPLEC

A trajetória do Geplec e, conseqüentemente, a delimitação de seu objeto de estudo têm início com minha dissertação de mestrado (RECHIA, 1998), defendida em 1988. O resultado dessa pesquisa determinou que os parques públicos eram tidos, pelas entrevistadas, como os locais mais agradáveis para o desenvolvimento de suas práticas corporais. Após aprofundar a análise, e a partir do desenvolvimento de outros projetos de pesquisa, como coordenadora do Geplec constatei que, embora Curitiba contasse com muitos espaços públicos de lazer adequados para a realização de práticas corporais, poucos deles, na época, eram utilizados.

Até o início dos anos 2000, a ideia de cidade, planejamento urbano e meio ambiente era abordada de forma muito tímida na área de educação física. Tal constatação gerou a busca por novas referências para o campo, vinculadas a outras áreas do conhecimento.

A partir desses primeiros passos, o Geplec se articula, e, em 2004, é criado oficialmente na UFPR. Segundo nosso *blog*, o contexto em que o grupo foi criado está relacionado com:

A cidade, uma paisagem artificial criada pelo homem, [...] composta por objetos e imagens, uma mistura entre espaço criado e natural, dinamizada entre a vida privada e pública, onde são articulados tempo/espaço, trabalho, política, consumo, cultura, lazer. Em tal ambiente, os espaços públicos são o pulsar da vida urbana, é através dele que se estabelece o vínculo entre participação ativa e vida na cidade. Porém, atualmente, as cidades vivem um período de crise, com intensa desvalorização e redução de espaços públicos, principalmente daqueles destinados às experiências no âmbito do lazer, causando grande desestímulo para os cidadãos no convívio e na apropriação desses espaços, o que se torna uma grande perda, visto que é durante as práticas de lazer e por meio delas que os sujeitos, conscientemente ou não, podem realizar a crítica de sua vida cotidiana⁴ (GEPLEC, 2017).

Além disso, enfatiza-se que o grupo busca:

[...] refletir acerca das práticas corporais e temas transversais, relacionando-os com as questões emergentes do cotidiano, estimulando pesquisadores que têm interesse na área, oferecendo uma diversidade de saberes que são fundamentais para o crescimento profissional e pessoal dos participantes, com reflexos diretos na vida social. Hoje o grupo conta com a participação de vários alunos bolsistas da Graduação (iniciação científica, monitoria, licenciar, extensão) e Pós-Graduandos, os quais desenvolvem de forma articulada projetos de ensino, pesquisa e extensão¹² (GEPLEC, 2017).

Por consequência, podemos afirmar que esse grupo ajudou a potencializar a temática dentro da área de Educação Física. Hoje existem outros grupos, mas o Geplec-UFPR é pioneiro nessa discussão, pois investiga intensamente o tema há mais de 16 anos – o que permite, inclusive, que muitos outros grupos brasileiros que discutem a mesma temática o tomem como base.

Quanto a procedimentos metodológicos, o Geplec utiliza a análise cultural, investigando os aspectos socioculturais envolvidos no uso e na apropriação dos espaços públicos de lazer, tendo como ferramentas investigativas entrevistas e observações do cotidiano das cidades. A proposta é sempre articular e triangular a narrativa dos usuários, dos gestores públicos e das teorias que sustentam os estudos sobre cidade e lazer.

⁴ Disponível em: <http://geplecufpr.blogspot.com.br/p/quem-somos_30.html>. Acesso em: 16 maio 2020.

Na proposta do grupo também é dada ênfase aos projetos de pesquisa e extensão voltados à formação inicial dos acadêmicos envolvidos no Geplec, e à formação continuada de professores da rede pública de ensino no que diz respeito ao tema lazer e cidade. O objetivo é sensibilizar os participantes desses programas para a importância do fenômeno do lazer, levando-os a percebê-lo como um direito social a ser conquistado pelos cidadãos. Além disso, busca-se preparar o professor que está na escola – ou que pretende atuar no âmbito escolar – para que possa contemplar o conteúdo do fenômeno do lazer na perspectiva do direito à cidadania e, conseqüentemente, do acesso aos espaços e equipamentos públicos de lazer na cidade. Compreendemos que a formação, tanto inicial quanto continuada, é essencial, por deslocar o entendimento do lazer como mera ferramenta vinculada a jogos e brincadeiras que possibilitam a diversão e a distração, na perspectiva funcionalista e utilitarista, para uma abordagem mais reflexiva, crítica, questionadora, fundamentada em estudos socioculturais do direito ao lazer e à cidade.

Acreditamos ser importante ensinar os gestos motores e as formas de praticar determinados conteúdos no âmbito da educação física escolar, mas advertimos que, se não indicarmos os locais na cidade que possibilitam vivenciar concretamente essas experiências no tempo livre dos estudantes, corremos o risco de não torná-las realmente efetivas.

Assim, os desafios são, primeiro, não abrir mão, no âmbito escolar, das práticas corporais, da alegria, da diversão, da recreação; e, segundo, agregar a essas dimensões conteúdos reflexivos e críticos que tenham sentido e significado, contribuindo para o desenvolvimento da sociedade.

Consideramos que, hoje, o lazer já começa a ser entendido como um fenômeno social vinculado à dimensão da cidadania, que deve ser estudado, potencializado e conquistado. Exemplos disso foram os programas governamentais como o Mais Educação⁵ e Segundo Tempo,⁶ entre outros projetos sociais do governo brasileiro, os quais contemplavam a dimensão do lazer. Tal fenômeno, nessa última década, passou da

⁵ O programa Mais Educação, ofertado pelo Ministério da Educação (MEC), tem o objetivo de melhorar o ambiente escolar, oferecendo atividades nas áreas de acompanhamento pedagógico, meio ambiente, esporte e lazer, direitos humanos, cultura e arte, cultura digital, prevenção e promoção da saúde, comunicação, educação científica e educação econômica.

⁶ O Programa Segundo Tempo (PST) é desenvolvido pela Secretaria Nacional de Esporte, Educação, Lazer e Inclusão Social do Ministério do Esporte e visa democratizar o acesso à prática e à cultura do esporte educacional e promover o desenvolvimento integral de crianças e adolescentes como fator de formação da cidadania e melhoria da qualidade de vida, prioritariamente daqueles que se encontram em áreas de vulnerabilidade social e, preferencialmente, regularmente matriculados na rede pública de ensino. Disponível em: <<https://goo.gl/UZnF9V>>. Acesso em: 16 maio 2020.

(de coadjuvante) periferia para o protagonismo (protagonista) em diferentes âmbitos escolares, acadêmicos e da agenda das políticas públicas urbanas brasileiras. Entretanto, a maioria dos brasileiros ainda não está envolvida cotidianamente com as práticas corporais nos espaços públicos das cidades, no tempo/espaço de lazer.

O Relatório Nacional de Desenvolvimento Humano do Brasil, também intitulado “Movimento é vida: atividades físicas e esportivas para todas as pessoas” (2017),⁷ defende as práticas realizadas no tempo livre, em contextos de lazer, para traçar as relações com o desenvolvimento humano, e sugere que os governos, a iniciativa privada e a sociedade civil adotem políticas públicas condizentes com a importância dessas práticas.

Em consonância com esse entendimento, o Geplec vem atuando em parceria com alguns programas governamentais, nas esferas municipal, estadual e federal. A seguir, apresento os projetos vinculados a programas institucionais, a fim de exemplificar a maneira como as reflexões apontadas anteriormente ganham materialidade mediante a elaboração de diferentes ações.

2.3 PROJETOS DE EXTENSÃO: TEMAS SOCIAIS QUE NOS AFETAM

QUADRO 2 – PROJETOS DE EXTENSÃO

PROJETOS DE EXTENSÃO	OBJETIVOS
A escola e os espaços lúdicos (2004-2017)	Investigar como são planejados os espaços e equipamentos destinados a vivências no âmbito do esporte e do lazer no ambiente escolar e no entorno da escola. Vinculado ao Programa Licenciar da Pró-Reitoria de Graduação da UFPR.
UniverCidade – um giro pela cidade, brincando, aprendendo e conservando (2008-2009)	Projeto de extensão universitária que visava aliar o lazer à educação ambiental, tecendo conexões entre o educar para e pela cidade. Financiado pela Pró-Reitoria de Extensão da UFPR.
O estado do Paraná e seus espaços e equipamentos de esporte e lazer (2005-2011)	Vinculado ao Programa Rede Cedes – Centro de Desenvolvimento de Esporte Recreativo e de Lazer na UFPR/DEF, financiado e gerenciado pela Secretaria Nacional do Esporte e do Lazer (SNDEL) do Ministério do Esporte, esse projeto tem por finalidade investigar como são planejados e vivenciados os espaços e equipamentos destinados a vivências no âmbito do esporte e do lazer em algumas cidades do Paraná.
Diagnóstico das políticas públicas de esporte e lazer das indústrias do Paraná (2006-2008)	Análise dos espaços e equipamentos de esporte e lazer das indústrias do Paraná. Pesquisa desenvolvida em parceria com o Serviço Social da Indústria (Sesi), Paraná.

⁷ Disponível em: <<http://movimentoevida.org>>. Acesso em: 16 maio 2020.

PROJETOS DE EXTENSÃO	OBJETIVOS
Gestão de três Núcleos do Pelc – Programa Esporte e Lazer da Cidade (2008-2010)	Projeto de pesquisa e extensão na área do esporte e lazer desenvolvido em comunidades carentes de Curitiba, região metropolitana e litoral paranaense, em parceria com o Ministério do Esporte.
Projeto Práticas Corporais e Sociedade – Programa de Educação Tutorial (PET) (2011-2018)	Projeto vinculado ao Programa de Educação Tutorial, inserido no curso de Educação Física da UFPR. O objetivo era produzir ações no âmbito do ensino, da pesquisa e da extensão, buscando refletir sobre o fenômeno lazer e as práticas corporais como ferramentas para viver uma vida de qualidade nos grandes centros urbanos.
Edupesquisa: o fenômeno do lazer – o educar para e pela cidade (2014-2015)	Curso de formação continuada desenvolvido em Curitiba (PR), presencialmente e a partir de ambiente virtual de aprendizagem, em parceria com a Prefeitura Municipal de Curitiba.
Educação física escolar: o fenômeno lazer como conteúdo (2012-2013)	Curso de formação continuada para professores de educação física da rede pública de ensino.
A escola e a cidade: Univer-Cidade – o educar para e pela cidade (2012-2013)	Curso de formação para educadores da rede pública de ensino.
Vem brincar na praça e na escola você também, vem! (2014)	Curso de formação de professores na cidade de Antonina, PR. Vinculado à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (Proec) da UFPR.
A praça é nossa: o ambiente do brincar e o direito da escolha (2016)	Projeto de extensão universitária, realizado em Antonina, PR, vinculado à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (Proec) da UFPR.
A praça é lugar de brincar! (2017-2019)	Projeto de extensão universitária, realizado em Antonina-PR, vinculado à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (Proec) da UFPR.
Processo de Planejamento e Apropriação dos Espaços Públicos de Esporte, Lazer e Cultura: paralelismos e transferências entre as Realidades Urbanas do Brasil e Portugal (2018-2021)	Projeto em desenvolvimento, vinculado ao Programa Rede Cedes. A pesquisa está centrada no mapeamento e análise do processo de planejamento e implantação do mobiliário, seu entorno e formas de apropriação das Academias ao Ar Livre implantadas nas cidades de Curitiba (PR) e Ponta Grossa (PR).
(Re)mapeando os espaços e equipamentos públicos de esporte e lazer da cidade de Curitiba (2020-2021)	Projeto de pesquisa em desenvolvimento, vinculado ao Programa de Iniciação Científica da UFPR, visa compreender a conexão entre oferta e demanda de práticas corporais e usos cotidianos desses equipamentos no que se refere às experiências no âmbito do tempo/espaço de lazer.

FONTE: Adaptada de TSHOKE; RECHIA (2018).

Como se pode depreender da leitura do Quadro 1, na dinâmica do grupo na UFPR são desenvolvidas ações no ensino, na pesquisa e na extensão, e seus participantes têm atuado, a partir do trabalho colaborativo – com autonomia, em busca de desejos e intenções individuais, mas também com uma proposta científica, política e acadêmica

voltada à formação de futuros profissionais –, com bolsistas ligados à Iniciação Científica, Programa Licenciar⁸ e ao Programa de Educação Tutorial (PET),⁹ entre outras ações.

2.4 ARTIGOS: RESULTADO DAS NOSSAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Nesta seção, inspirada na tese de doutorado que tive o prazer de orientar, intitulada “Da recreação e lazer para o lazer e sociedade: as maneiras de fazer acadêmico no campo do lazer ligadas à área da educação física”, de autoria de Tschoke (2016),¹⁰ apresentamos quadros demonstrativos de artigos e capítulos de livro publicados pelo Geplec para melhor esclarecer o caminho científico percorrido pelo grupo. No Quadro 2, apontamos apenas as principais produções do Geplec nos últimos anos, de modo a sistematizar as tendências do grupo.

QUADRO 3 – PRINCIPAIS ARTIGOS DE MINHA AUTORIA E DE COLABORADORES DO GEPLEC PUBLICADOS ENTRE 2012 E 2019

(continua)

Título do artigo	Revista/ano de publicação
As experiências de lazer na cidade: o cotidiano da praça de bolso do ciclista de Curitiba, Paraná	Revista Movimento, 2019
Educação para o lazer em aulas de educação física: desvendando boas práticas?	Revista Científica Interdisciplinar Interlogos, 2019
Acessibilidade formacional: a percepção profissional na inclusão da pessoa com deficiência intelectual no lazer	Formação & Ação (Redufor), 2019
As ações do Projeto Vila Sustentável no bairro Uberaba	Licere, 2019
Conexões entre espaços de lazer e futebol: um templo europeu chamado Camp Nou	Licere, 2018
Public leisure space and community-based action.	Leisure Studies, 2018
Concepção e planejamento de áreas infantis de parques públicos da cidade de Rennes na França	Licere, 2017

⁸ O Licenciar é um programa da UFPR cujo objetivo é congrega projetos de apoio à qualidade de ensino nas Licenciaturas (UFPR, 2016).

⁹ O PET é desenvolvido por grupos de estudantes, com tutoria de um docente, organizados a partir de formações em cursos de graduação nas instituições de ensino superior do país, orientados pelo princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, e da educação tutorial, vinculados ao Ministério da Educação. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/pet>>. Acesso em: 15 maio 2020.

¹⁰ A pesquisadora desenvolveu toda sua trajetória acadêmica no Geplec, sendo bolsista e/ou formadora de vários dos projetos, tendo realizado seus estudos de conclusão de curso, mestrado e doutorado sob orientação da professora doutora Simone Rechia. Em sua tese de doutorado, questionou quais são as maneiras de fazer acadêmico, na perspectiva de alguns pesquisadores, vinculadas aos estudos e às pesquisas no campo do lazer, concernentes à área da educação física, a partir da constituição do grupo de trabalho temático Lazer e Sociedade, inserido no Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte.

Título do artigo	Revista/ano de publicação
As brechas da cidade: a praça de bolso do ciclista da cidade de Curitiba-PR	Movimento, 2017
Grupos de pesquisa no campo do lazer a partir do GTT Lazer e Sociedade do CBCE	Revista Interdisciplinar Interlogos – IFPR, 2017
Trabalho e lazer: oposição ou composição	Licere, 2016
A relação entre as transformações dos espaços de lazer advindas dos megaeventos esportivos e a humanização das cidades	RBEL, 2016
O jogo das cidades em tempos de megaeventos esportivos: algumas reflexões	Movimento, 2015
Políticas públicas de lazer nas cidades: uma contextualização do cenário nacional.	Licere, 2015
O lazer na Vila Nossa Senhora da Luz: dos espaços informais aos espaços formais	RBCE, 2015
Parkouritiba: conexão entre corpo, cidade e espaço	Licere, 2015
As regras do jogo: reflexões sobre a produção científica na sociologia do esporte	Revista Brasileira de Ciência e Movimento, 2015
A copa do mundo de futebol 2014 na região sul do Brasil: uma análise dos espaços da cidade	Movimento, 2015
O lugar do lazer nas políticas públicas: um olhar sobre alguns cenários	Licere, 2015
As possibilidades de superação da educação física sem sentido: uma experiência na prática de ensino	Cadernos de formação RBCE, 2015
Espaços de lazer do Colégio Estadual do Paraná: os hiatos entre discursos, planejamento e usos	RBEL, 2015
Espaços e equipamentos de lazer na Vila Nossa Senhora da Luz: suas formas de apropriação no tempo/espaço de lazer	RBCE, 2015
As mudanças do programa Dança Curitiba: a questão dos espaços	Licere, 2014
Espaços de lazer, meio ambiente e infância: relação entre sustentabilidade social e ambiental para o desenvolvimento integral do cidadão urbano	RBEL, 2014
Lazer para todos? Análise de acessibilidade de alguns parques de Curitiba-PR	Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar, 2014
A cidade de Curitiba e seus espaços públicos centrais de lazer	Pensar a Prática, 2013
Os espaços retratados no Colégio Estadual do Paraná: diferentes olhares, uma mesma realidade	Licere, 2013
A dialética entre espaço, lugar e brincadeiras: o que pensam professores e o que vivem os alunos	Pensar a Prática, 2012

Título do artigo	Revista/ano de publicação
As forças sociais de estrutura, estética e movimento	Movimento, 2012
Crianças no bairro Uberaba, em Curitiba-PR: a dialética entre os espaços de lazer e a problemática urbana na periferia	RBCE, 2012
O espaço Univer-Cidade e Pelc: a experiência do grupo Geplec-UFPR na gestão do programa de esporte e lazer na cidade de Curitiba	Licere, 2012
Os espaços de lazer de Curitiba: entre o colorido do centro e o preto e branco da periferia	Revista Mineira de Educação Física, 2012

FONTE: Adaptado de TSCHOKE; RECHIA (2018).

Em relação às temáticas das pesquisas orientadas, pode-se acompanhar, nos quadros a seguir, um pouco da diversidade de abordagens e, ao mesmo tempo, da centralidade dos objetos de pesquisa. Por meio da análise dos títulos das pesquisas, encontramos o lazer como ponto central de discussão, tendo como referência o trabalho empírico sobre espaços de lazer (parques, praças, escola, associação de funcionários), além da abordagem sobre a importância do processo educacional para possibilitar a apropriação desses espaços e a análise da produção do conhecimento na área.

Percebemos o predomínio de espaço de publicação em periódicos diretamente relacionados à educação física que possuem, em seu escopo, o lazer. Dentre eles, destacam-se: *Licere* – revista do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da UFMG (oito artigos); revista *Movimento*, publicação científica da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da UFRGS (quatro artigos); *RBEL* – *Revista Brasileira de Estudos do Lazer*, publicação da Anpel – Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Estudos do Lazer (três artigos); *RBCE* – *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, publicada sob a responsabilidade do CBCE – Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (três artigos); revista *Pensar a Prática*, periódico científico da FEFD-UFG – Faculdade de Educação Física e Dança da Universidade Federal de Goiás (dois artigos).

Além disso, é possível verificar a relação da maioria dos artigos com dissertações de mestrado ou teses de doutorado, com campo empírico bem definido. Os dados demonstram que pesquisas diretamente relacionadas ao trabalho cotidiano do Geplec, no que tange ao ensino, extensão e à pesquisa, são sistematizadas a partir das experiências em projetos, geram projetos de pesquisas individuais e, conseqüentemente, produção científica e o desejo dos bolsistas de permanecerem vinculados ao grupo, realizando seus mestrados e doutorados com o tema que já vêm estudando. No Quadro 3,

estão relacionadas somente algumas obras, de modo a exemplificar a conexão do tema abordado em determinado capítulo com livros importantes para a área de estudos do lazer.

2.5 CAPÍTULOS DE LIVROS: REGISTROS DAS NOSSAS MEMÓRIAS ACADÊMICAS

QUADRO 4 – CAPÍTULOS PUBLICADOS EM LIVROS DE MINHA AUTORIA E DE COLABORADORES DO GEPLEC

Título do capítulo	Título do livro
Lazer, formas de uso e apropriação nas Praças de Curitiba: Ócio e resistência?	Ócios e resistências: Crescer e envelhecer em contextos culturais diversos, 2019
O espaço e seu entorno transformados: Os impactos, tensões e avanços da construção da Praça de Bolso do Ciclista de Curitiba/PR	A constituição brasileira de 1988 e as políticas Públicas de Esporte e Lazer, 2019
Conquistas e novos Horizontes: O Trabalho coletivo como protagonista de grandes lutas nos âmbitos acadêmico, político e científico do CBCE	Memória e História do CBCE, 2019
Cidade, Lazer, Políticas Públicas e sustentabilidade: Desafios e perspectivas	Novas leituras do lazer contemporâneo, 2018
Os usos dos espaços públicos de lazer das cidades e a relação com a formação profissional: trilhando caminhos	Formação e atuação profissional em políticas públicas de esporte e lazer, 2018
Lazer e cidade que realidade é essa? O que a produção do Geplec/UFPR aponta sobre esse tema	Lazer no Brasil: Grupos de pesquisa e associações temáticas, 2018.
O “menu” dos espaços e equipamentos de lazer e cultura oferecido pela cidade de Curitiba: Vida de qualidade ou qualidade de vida? existe diferença?	Políticas públicas de lazer e esporte, 2018
Atividades Físicas e Esportivas e as Cidades	Movimento é vida! Atividades físicas e esportivas para todas as pessoas - Relatório nacional de desenvolvimento humano do Brasil - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, 2017
A praça é nossa, vamos revitalizá-la! Conexão entre “lazer, educação urbana e práticas ambientais	Paulo Henrique Azevêdo; Antônio Carlos Bramante (Org.). <i>Gestão estratégica das experiências de lazer</i> , 2017
Cidadania e direito ao lazer nas cidades brasileiras: da fábula à realidade	Christianne Luce Gomes; Hélder Ferreira Isayama (Org.). <i>O direito social ao lazer no Brasil</i> , 2015
Espaços e equipamentos de lazer nas cidades brasileiras: o que a produção científica aponta sobre essa realidade	Hélder Ferreira Isayama; Marcus Aurélio Taborda (Org.). <i>Produção do conhecimento em estudos do lazer: paradoxos, limites e possibilidades</i> , 2014

Título do capítulo	Título do livro
Espaços e equipamentos de lazer em época de megaeventos esportivos: entre o sonho mais dourado e a realidade mais cruel	Nelson Carvalho Marcellino (Org.). <i>Legados de megaeventos esportivos</i> , 2013

FONTE: Adaptada de TSCHOKE; RECHIA (2018).

Quanto aos capítulos de livros, destaca-se o amadurecimento do Geplec, juntamente com a relevância dos temas explorados, os quais vêm ganhando espaço em publicações temáticas. Foi em um deles que se publicou pela primeira vez de forma explícita o entendimento do fenômeno do lazer urbano que sustenta as pesquisas do Geplec, transcrito a seguir:

Lazer urbano é a possibilidade de organização e materialização da cultura e, também tempo e espaço de educação e desenvolvimento – sem esquecer que, na sociedade atual, esse fenômeno tornou-se palco de disputas hegemônicas, cuja tensão se dá entre a indústria cultural e a ação política e pedagogicamente orientada para a formação crítica e criativa dos sujeitos que vivem nos centros urbanos e sonham com uma vida de qualidade a partir do uso e apropriação dos espaços públicos de lazer (RECHIA, 2015).

Em síntese, a trajetória desse grupo assinala, como ponto de partida, a “prática do fazer” cotidiano, seguido de um desenvolvimento teórico de muitos estudos e muitas pesquisas e de um apogeu da práxis,¹¹ mostrando conexão entre a formação de professores e gestores e seu objeto de pesquisa: “lazer e cidade”.

Percebe-se, também, que têm sido desenvolvidas pesquisas relacionando o mapeamento de espaços públicos de lazer e a educação para a apropriação de tais espaços. Para tanto, aposta-se no trabalho colaborativo de seus membros, à luz de diferentes autores das ciências humanas e sociais, para abordar a temática de forma interdisciplinar, haja vista a variedade de áreas do conhecimento das referências e da articulação entre elas.

Nota-se uma maneira de fazer acadêmico resistente no Geplec, uma vez que tematiza o fenômeno do lazer em todas as perspectivas da formação universitária, ou seja, no ensino, na pesquisa e na extensão, embora, atualmente, os grupos de pesquisa brasileiros, em função da busca e exigência da área 21 da Capes – em que a Educação Física está classificada –, sejam forçados à lógica do produtivismo, apostando mais na pesquisa do que nos outros âmbitos universitários.

¹¹ Compreendemos o conceito de práxis inspiradas em Santos (1996, p. 256), segundo o qual “a copresença, simultaneidade e cooperação ligam-se ao território compartilhado que impõe a interdependência como práxis”.

Fica claro, assim, que o Geplec valoriza o espaço de orientação e formação no ambiente acadêmico, mantendo projetos que abordam essa multiplicidade da formação, tendo a análise cultural como fio condutor dos caminhos de pesquisa. Embora esteja subordinado à estratégia da Capes, e às táticas do Programa de Pós-Graduação na área 21, em que atua diretamente, revela que resiste às pressões com muito esforço, e que sua sobrevivência está atrelada ao trabalho colaborativo do grupo, que se pauta na formação de professores e no lazer na perspectiva comunitária. Atualmente, está vinculado, também, ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPR e ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da UFMG, a fim de alcançar uma experiência mais equilibrada no ambiente da pós-graduação.

Seu capital científico e autoridade científica repousam nessas relações acadêmicas, de valorização da formação de professores e pesquisadores. As maneiras de fazer acadêmico me levam a manter minha fidelidade à bandeira do lazer em diferentes ambientes que represento e nos quais atuo. Vale lembrar, ainda, que, depois de 20 anos como militante no Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), e de 16 anos orientando na pós-graduação, sempre meus estudos foram sobre o fenômeno do tempo/espaço do lazer.

2.6 DISSERTAÇÕES DE MESTRADO E TESES DE DOUTORADO: ALGUNS RESULTADOS

Como já afirmamos anteriormente, as pesquisas desenvolvidas no Geplec almejam fazer frente justamente às demandas expostas acima. Para ilustrar a fidelidade do grupo a esse objetivo, apresentamos, a seguir, de forma resumida, mediante consulta ao banco de dados da UFPR, as dezesseis dissertações de mestrado e as três teses de doutorado desenvolvidas nos últimos dez anos no Geplec, sob minha orientação.

A dissertação de Cagnato (2007), investigou as formas de usos e de apropriação de uma praça pública, verificando a organização dos grupos sociais no seu ambiente. O estudo revelou que, a partir das formas de uso e apropriação das áreas públicas no tempo e espaço de lazer, são estabelecidas relações significativas de aproximação dos sujeitos com o lugar, com as experiências no âmbito do esporte e lazer e entre os próprios usuários, fazendo desse local um ambiente propício para o surgimento e a organização de diferentes grupos.

Alguns anos mais tarde, um estádio de futebol em frente à praça em pauta foi colocado no centro da análise por Drula (2015), que investigou como as transformações

ocorridas entre 2009 e 2014, em relação à infraestrutura e funcionalidade, podem ter influenciado suas formas de apropriação. Foi possível apontar que as características de determinado espaço criam uma cultura que passa a ser inerente a ele, ou seja, uma “força do lugar”, e que, quando esse lugar é alterado pelas “forças do espaço”, pode haver uma perda de identidade.

A vinda da Copa do Mundo de Futebol para o Brasil foi vista como uma possibilidade para a reestruturação das cidades-sede no que tange às questões de mobilidade, segurança, moradia, estádios e espaços públicos de esporte e de lazer. Em contrapartida, cogitou-se que poderia também acarretar algumas consequências negativas, como a segregação a partir das desapropriações de comunidades, a interferência na cultura local, elevados gastos públicos e obras atrasadas, entre outros. Levando em conta esse contexto, Silva (2016) buscou diagnosticar as transformações das cidades-sede da região Sul. Os resultados indicaram que as mudanças se restringiram aos estádios privados e seu entorno, verificando-se pouca participação comunitária no processo de transformação; houve falta de acesso aos estádios, assim como de informação, de novas experiências no âmbito do esporte e lazer. A conclusão do estudo sugere que, mesmo quando as questões sociais são pensadas na elaboração de um megaevento esportivo, os resultados que geram permanecem muito aquém do ideal.

No estudo de França (2007), foi apontado que os espaços com força comunitária efetiva, as chamadas associações de moradores, tendem a ser priorizados pelo poder público quando se trata de segurança, de manutenção, de transporte e de acessibilidade. Os dados reforçaram que os moradores do entorno de alguns parques e praças de Curitiba, quando organizados em associações, conseguiram minimizar a distância entre o poder público e os anseios e as vivências da população.

No trabalho de Gonçalves (2008), observamos que, em bairros mais periféricos, como a Vila Nossa Senhora da Luz, localizada na Cidade Industrial de Curitiba, as condições de preservação e segurança de espaços e equipamentos de lazer são precárias. Dessa forma, áreas da periferia, que muitas vezes não têm força comunitária organizada, como a apontada no estudo de França (2007), não contam, entre outros aspectos, com regularidade quanto à manutenção e proteção desses locais, o que possivelmente causa o esvaziamento de tais ambientes públicos.

Na tese de doutorado de Gonçalves (2018), o objeto de estudo foi outro bairro, também periférico, da cidade de Curitiba (PR). A pesquisa, de cunho etnográfico, acompanhou as ações do Projeto Vila Sustentável, coordenado pela Secretaria Municipal

do Meio Ambiente, ligada à Prefeitura Municipal de Curitiba. Tais ações buscavam, por meio de uma metodologia de gestão deliberativa, desenvolver a autonomia e a sustentabilidade da região da Vila Audi-União, no bairro do Uberaba, em Curitiba (PR). O objetivo da pesquisa era responder “Qual a possibilidade de uma proposta de ação coletiva, desenvolvida entre 2013 e 2016, viabilizar aos moradores do bairro Uberaba a apropriação dos diferentes espaços de lazer de maneira autônoma? O processo etnográfico desenvolvido no decorrer de três anos permitiu ao autor afirmar que a apropriação dos espaços públicos de lazer só se efetiva por meio das experiências corporais sentidas, vividas e internalizadas. Dessa maneira, as pessoas conseguem dar sentido e significado aos espaços, transformando-os em lugar, para tanto, a comunidade precisa ser ouvida tanto em seus anseios quanto em suas necessidades. Considerou, ainda, que os espaços públicos de lazer requerem um debate público e a participação cidadã ao longo de seu processo de concepção, produção e gestão, pois dispor de espaços e equipamentos públicos de lazer perto de onde se vive é condição de cidadania.

Santana (2016) também teve um espaço público como ponto central em sua pesquisa, buscando elucidar os processos que envolveram a implementação da praça de bolso do ciclista, assim como as formas de apropriação da praça e sua relação com as experiências no âmbito do lazer. O estudo apontou que, para além da objetiva construção desse espaço de lazer, a iniciativa da implementação da PBC esteve imbuída de valores agregados, tais como: evidenciar a importância dos ciclistas e dos benefícios trazidos pela locomoção por bicicleta; promover a intensificação do uso desse meio de locomoção e alertar para a segurança necessária no trânsito; romper com a individualização crescente a partir da dimensão comunitária e seu agir efetivo; e, por fim, chamar a atenção para a humanização e democratização da cidade.

No mesmo ano, Machado (2016) buscou compreender os arranjos sociais e as tensões inerentes à utilização de um parque público da cidade de Curitiba, colocando em foco as possíveis alterações que práticas como o consumo de maconha podem introduzir na rotina de utilização de um parque público. Os resultados expõem os conflitos existentes no uso do espaço público nas grandes cidades.

Já Oliveira (2009) pesquisou a relação entre o desfrute da natureza e as práticas corporais em parques públicos da cidade de Curitiba. A pesquisa teve como resultado principal a informação de que as práticas de caminhada e corrida são as mais realizadas, quase sempre justificadas pelos usuários dos espaços segundo o viés do conceito tradicional de saúde, ou seja, objetivando a “ausência de doenças”.

Anos mais tarde, Assis (2015) abordou as relações existentes no processo de privatização dos espaços públicos, especificamente o caso da concessão do Pavilhão de Eventos do Parque Barigui, em Curitiba. Seu estudo concluiu que, entre as consequências da concessão para apropriação do Parque Barigui, estiveram a falta de qualificação dos equipamentos do parque por essa concessão, a criação de problemas de mobilidade para os usuários e a dificuldade de acesso de muitos usuários às feiras promovidas pelo Pavilhão de Eventos do parque, por conta dos altos preços de seus ingressos.

Em relação ao histórico e planejamento da cidade, em outra dissertação de mestrado, defendida por Vieira (2010), percebeu-se que Curitiba buscou, a partir de políticas públicas implantadas na década de 1970, a interação entre comércio e lazer, agregando a essa iniciativa valores subjetivos, como o sentimento de pertencimento, o que gerou no curitibano um cuidado mais apurado com os espaços públicos. O estudo comprovou que muitas das mudanças ocorridas no centro da cidade têm relação com o fenômeno do lazer, e que este está diretamente atrelado ao consumo, à diversão, ao entretenimento, ao encontro e à diversidade.

Outro estudo, centrado em uma política pública da cidade de Curitiba/PR e sua relação com o direito e acesso ao lazer nos espaços públicos da cidade, foi o de Neca (2018). A dissertação de mestrado buscou refletir sobre como políticas de lazer e transporte potencializam a apropriação dos espaços públicos. Para isso, analisou os possíveis impactos no lazer da cidade de Curitiba, por usuários do transporte coletivo com a implantação e extinção da “Tarifa Domingueira” – uma política cuja a intenção foi estimular o passeio pela cidade, aos domingos, através de um desconto na tarifa de ônibus convencional. Segundo a pesquisa, quando o direito ao transporte público é garantido de forma integrada ao lazer, o cidadão se percebe enquanto parte da cidade, podendo apropriar-se dela de forma integral.

Outro estudo localizado no banco de dados do Geplec é o de Tschoke (2010), que destacou fatores específicos da região periférica em relação aos espaços destinados ao lazer, tais como: a violência, o vazio dos locais, a escassez de políticas públicas efetivas de lazer e esporte, assim como questões relacionadas à gestão e administração dos espaços e equipamentos. De acordo com esse estudo, os problemas mencionados dificultam e até impedem a apropriação desses ambientes pelas crianças.

Já em 2001, o tema da acessibilidade tornou-se presente também nas pesquisas do Geplec. Cassapian (2011) discorreu sobre a falta de opções de acesso em grande parte dos espaços públicos de lazer da cidade, e sobre a dificuldade de mobilidade urbana. Tais

adversidades reduzem a possibilidade de escolha do lazer e, conseqüentemente, restringem a garantia desse direito aos cidadãos.

O mesmo tema foi revisitado, sob nova perspectiva, por Girardi (2017), ao analisar as ações nas políticas públicas de inclusão direcionadas ao lazer da pessoa com deficiência intelectual na cidade de Curitiba, verificando se estas de fato repercutiam nas atividades de lazer dos integrantes do grupo Amigos do Handebol, composto por catorze homens. A autora concluiu que olhar para condições específicas de segmentos da população pode ser um caminho para a elaboração de políticas públicas voltadas ao lazer mais abrangentes, a partir de uma educação para a inclusão e pela inclusão. Além disso, compreender o lazer como algo além de uma ferramenta para o processo de autonomia da pessoa com deficiência intelectual pode proporcionar o exercício da liberdade de escolha e o convívio com a diversidade.

Em relação aos estudos que abordam o lazer na infância, Moro (2012) mostrou que os espaços destinados exclusivamente às brincadeiras infantis, nos parques da cidade de Curitiba, possuem diversos problemas referentes à organização e infraestrutura, os quais podem afetar as vivências lúdicas das crianças, principalmente no que se refere à segurança das mesmas.

Outro tema abordado em dissertações e teses, no âmbito do grupo, foi o lazer na escola. Richardi (2012) explorou as possibilidades de ocorrência de experiências de lazer no Colégio Estadual do Paraná, mais especificamente nos seus espaços localizados ao ar livre. Os resultados dessa pesquisa demonstraram que, nessa instituição, os espaços ao ar livre não recebiam o mesmo cuidado, nem eram considerados potencialmente educativos como os demais espaços localizados internamente ao edifício escolar, apesar de esses espaços terem sido ressignificados ao longo dos anos, passando de locais destinados, no início, principalmente à circulação das pessoas, para locais que possibilitariam novas formas de uso e de apropriação por parte de toda a comunidade escolar.

Já Santos (2012) se propôs responder a seguinte questão: de que forma ocorre a educação para o lazer, e quais são suas barreiras e facilitadores, nas aulas de educação física, em escolas situadas no estado do Paraná? Foi possível concluir que, diante das barreiras encontradas, os professores, sem confrontá-las diretamente, descobrem maneiras de superação. Esta resistência pode ser considerada como uma brecha, neste caso materializada a partir da busca por formação inicial e continuada dos professores selecionados para a pesquisa, pois, a partir dessa formação, percebemos que os

professores conseguem minimizar, e em alguns momentos até mesmo superar, as barreiras à educação para o lazer encontradas no cotidiano da atuação docente.

Em abordagem complementar à de Santos (2012), Moro (2017), em sua tese de doutorado, explora o “lugar” do lazer no processo ensino-aprendizagem vinculado à área educação física enquanto área de conhecimento presente no currículo da escola. Contando com a participação dos professores de educação física da rede municipal de ensino de Curitiba, a pesquisadora constatou que a educação para e pelo lazer encontra lugar nas práticas pedagógicas desenvolvidas por esses professores – no entanto, ainda de forma periférica e fragilizada, pois, muitas vezes, a execução de tais práticas se defronta com um sistema educacional ainda muito fragmentado, conteudista e controlador.

Recentemente, a dissertação de mestrado de Andrade (2020) também debruçou-se sobre as relações entre o fenômeno do lazer e o ambiente escolar, mais especificamente a respeito da organização e planejamento dos espaços destinados às experiências lúdicas infantis nestas instituições. O estudo verificou que a concepção de lazer de gestores(as), pedagogo(as) e a professora de uma escola da rede municipal pública de Curitiba/PR ainda é restrita e está atrelada a perspectiva funcionalista e utilitarista deste fenômeno. Conseqüentemente, as relações entre lazer e educação são pouco observadas nos discursos desses atores e em documentos regimentais do sistema educacional municipal analisados, portanto, não estão sendo consideradas no planejamento e organização dos tempos e espaços escolares, visando contemplar o lazer na rotina e em articulação ao currículo dos estudantes. Concluiu-se que, frente às limitações estruturais e financeiras da escola, tanto os funcionários quanto as crianças vivem o cotidiano do recreio escolar flutuando entre “táticas” e “estratégias” para subverter as resistências de diversas naturezas encontradas na apropriação ou organização do tempo/espaço do recreio escolar.

Passando para a discussão lazer e trabalho, Domingues (2015) investigou o modo como se dá a relação entre oferta e demanda no âmbito do lazer em uma associação de funcionários e em uma fundação – pertencentes a duas empresas de Curitiba –, na perspectiva de gestores responsáveis por tais sedes e na de trabalhadores frequentadores. Os principais resultados indicam que a relação entre oferta e demanda, no âmbito do lazer, possui ligação com a política de lazer adotada pelas empresas e sedes investigadas, bem como: com sua concepção; com a localização dos espaços e sua relação com a cidade; com os espaços/equipamentos, atividades e programas ofertados; e, finalmente, com a atitude dos sujeitos – tanto gestores quanto frequentadores – em relação ao lazer, ao trabalho e à vida cotidiana. A relação lazer e trabalho, nos locais de desenvolvimento do

estudo, parece estar distante de uma possibilidade de complemento diferente daquela da perspectiva funcional; no entanto, vale lembrar que são imprescindíveis, na relação entre oferta e demanda, no âmbito do lazer, condizente com os desafios atuais da sociedade.

Finalmente, Tschoke (2016), em sua tese de doutorado, já citada anteriormente, revelou que as maneiras de fazer acadêmico dos estudos do lazer na área da educação física, na visão dos pesquisadores selecionados, seguem tendências epistemológicas, relacionadas às ciências sociais e humanidades, e aos aspectos socioculturais e pedagógicos. Além disso, sua pesquisa demonstrou o protagonismo de instituições como a Capes e o CBCE, tanto no que se refere à sugestão de estratégias quanto à possibilidade de criação de espaços de resistência, diante da tensão constatada entre as ciências sociais e as ciências biológicas. Ademais, o CBCE, com base na configuração dos GTTs – grupos de trabalhos temáticos – notadamente, para este estudo, o GTT Lazer e Sociedade – pode ser entendido como espaço de formação acadêmica, “laboratório de conduta científica”, “apadrinhamento” e resistência. Ambas as instituições, quer de forma articulada, ou articulada com os programas de pós-graduação e graduação na área do lazer, tiveram importante papel no desenvolvimento do campo de estudos do lazer na seara da educação física, auxiliando na definição dos limites que o legitimam, os quais passaram das discussões sobre recreação e lazer às que se propõem debater lazer e sociedade.

Conclui-se, após esse breve mapeamento, e mediante análise de ainda outros resumos de trabalhos, artigos e capítulos de livros, entre outras ações acadêmicas desse grupo desenvolvidas nos últimos 17 anos, que a produção do conhecimento, sistematizada e divulgada nos principais periódicos da área de Educação Física, embora significativa, ainda é escassa, o que evidencia a necessidade de potencializarmos e ampliarmos essa discussão. Vale ressaltar que o direito ao lazer, garantido pela Constituição da República Federativa do Brasil, passa, prioritariamente, pelo acesso aos equipamentos, para que tais experiências se materializem; por conseguinte, os dados das pesquisas podem fortalecer a luta pelo direito ao uso da cidade em espaços qualificados.

É importante esclarecer que não se pretendeu, com a exposição realizada, esgotar os temas trabalhados nas investigações do Gepec, ou seja, não consiste em um levantamento do tipo “estado da arte”; minha preocupação, ao redigi-lo, foi relacionar e conectar algumas problemáticas dos estudos correlatos ao tema, principalmente com foco sobre as cidades. Assim, o critério de escolha das pesquisas apresentadas levou em conta o fato de se constituírem como aportes teóricos a outras pesquisas que têm sido desenvolvidas no grupo; considerou-se, ainda, sua pertinência no que concerne ao

investimento, consistência e repercussão. Reconheço, portanto, que vários autores não foram contemplados nesta análise; contudo, acredito que os escolhidos representam as perspectivas teóricas com as quais temos nos identificado.

Assim, ao finalizar a descrição do trabalho cotidiano do Geplec, conclui-se que o grupo o conduz enfatizando a abordagem qualitativa, o que implica, entre outras atitudes, valorizar os atores sociais; buscar sentidos e significados a partir da descrição densa do cotidiano; e incentivar o olhar interdisciplinar do fenômeno do lazer, recorrendo a autores de diferentes áreas do conhecimento para sustentar as análises, sempre que necessário. Considerar esses pressupostos, na visão do Geplec, é fundamental quando se almeja compreender como a vida nas grandes cidades possibilita experiências significativas no tempo e no espaço de lazer, e o quanto a Educação Física pode contribuir para a perspectiva de uma educação urbana a partir das práticas corporais no tempo e no espaço de lazer.

Comecei este memorial descritivo com trechos de uma música.

Epitáfio – Titãs

[...] Queria ter aceitado

[...] Devia ter complicado menos

Trabalhado menos

Ter visto o Sol se pôr

Devia ter me importado menos

Com problemas pequenos...

Queria ter aceitado

A vida como ela é

A cada um cabe alegrias

E a tristeza que vier...

Mas, depois de escrever tudo isso, repensei e posso arriscar dizer que eu não queria, eu quis e fiz!

Aceitei muita coisa... mas também lutei contra muita coisa!

Descompliquei várias vezes e levei com muita leveza a minha docência, porque amo o que faço!

Trabalhei muito, mas valeu a pena, tenho orgulho de minha trajetória, das alunas e dos alunos que ajudei a formar!

Vi o pôr do sol muitas vezes, jamais deixei de viver as experiências de lazer, quem me conhece sabe o quanto curto a vida. Sempre achei que a sabedoria é o espaço mais curto entre aquilo que você diz e aquilo que você faz. Como estudar e pesquisar sobre o lazer, sem vivenciá-lo?

Eu me importei menos com problemas pequenos e muito mais com grandes problemas sociais...

Encarei a vida acadêmica como ela é, mas muitas vezes lutei para que a realidade acadêmica fosse muito melhor para todas e todos!

No meu coração só cabe as alegrias; as poucas tristezas eu guardo na caixa dos aprendizados necessários para viver minhas UTOPIAS!

UTOPIAS...

Se as coisas são inatingíveis... ora!

Não é motivo para não querê-las...

Que tristes os caminhos, se não fora

A presença distante das estrelas!

(Mario Quintana)

FIGURA 26: MINHA FAMÍLIA



FONTE: RECHIA (2017).

Um agradecimento especial à minha família. Aos meus genros, Matheus e Marcelo, ao meu companheiro, Iverson, e principalmente às minhas filhas, Camila Rechia

e Marina Rechia, que compreenderam, apoiaram e estimularam uma mãe “acadêmica”, e ao longo de 38 anos de trabalho docente compartilharam a maternidade, a amizade e o casamento com muitos outros jovens universitários.

TIM-TIM: felicidade para mim, para vocês e para nós todos!

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, S. M. B. de. **O recreio escolar como uma experiência de lazer da criança: entre o dito e o não dito, o brincar e o trabalhar em uma escola pública de Curitiba/PR.** 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2020.
- ASSIS, T. S. de. **A relação entre o poder público e a iniciativa privada como uma possibilidade de apropriação dos espaços públicos de lazer da cidade de Curitiba.** 2015. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.
- CAGNATO, E. V. **Praças de Curitiba: espaços que possibilitam as experiências no âmbito do esporte e lazer?** 2007. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.
- CASSAPIAN, M. R. **Da cidade planejada ao lazer para todos: as experiências no âmbito do lazer vividas pelos cadeirantes do grupo: “A União faz a força”.** 2011. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.
- CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano.** Tradução Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1996.
- DE GRAZIA, S. **Tiempo, trabajo y ocio.** Madrid: Editorial Tecnos, 1996.
- DOMINGUES, T. **Lazer e trabalho, oposição ou composição? A relação entre oferta e demanda no âmbito do lazer em entidades não governamentais vinculadas a empresas de Curitiba.** 2015. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.
- DRULA, A. J. **O processo de transformação de um estádio para arena: o caso da Arena da Baixada.** 2015. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.
- FRANÇA, R. **Diálogos entre oferta e demanda: uma análise da relação entre poder público e as associações de moradores/usuários e amigos de parques e bosques da cidade de Curitiba.** 2007. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GIRARDI, V. **Lazer e inclusão da pessoa com deficiência intelectual na cidade de Curitiba-PR: entre a cidade de todos e a cidade para todos.** 2017. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.
- GONÇALVES, F. S. **Espaços e equipamentos no âmbito do lazer e esporte na Vila Nossa Senhora da Luz.** 2007. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

GONÇALVES, F. S. **Os espaços de lazer, o bairro Uberaba, o projeto Vila Sustentável: elementos articuladores para experiências de lazer e cidadania na cidade de Curitiba.** 2018. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

JACOBS, J. **Morte e vida de grandes cidades.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade.** Tradução Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001.

MACHADO, G. C. **O parque Bacacheri e seus arranjos sociais: a relação entre o lazer e o uso da maconha.** 2016. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

MAGNANI, J. G. C. **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade.** São Paulo: Hucitec, 1984.

MORO, L. **Conhecendo os espaços públicos de lazer destinado às brincadeiras infantis.** 2012. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

MORO, L. **O lugar do lazer no cotidiano das aulas de educação física: as maneiras de fazer dos professores do Município de Curitiba.** 2017. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

NECA, B. D. R. **Tarifa domingueira: os impactos do transporte público no acesso ao lazer em Curitiba – PR.** 2018. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

OLIVEIRA, M. P. **A relação entre atividade física, esporte e lazer em parques públicos de Curitiba.** 2007. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

RECHIA, S. **A prática pedagógica em educação física: seu impacto sobre as concepções de corpos em mulheres de diferentes gerações.** 1998. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 1998.

RECHIA, S. **A prática pedagógica em educação física: seu impacto sobre as concepções de corpos em mulheres de diferentes gerações.** 1998. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1998.

RECHIA, S. Cidadania e o direito ao lazer nas cidades brasileiras: da fábula à realidade. *In*: GOMES, C. L.; ISAYAMA, H. F. (Org.). **O Direito social ao lazer no Brasil.** Campinas, SP: Autores Associados, 2015. (Coleção Educação Física e Esportes).

RECHIA, Simone. **Parques públicos de Curitiba: a relação cidade-natureza nas experiências de lazer.** 2003. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

RICHARDI, F. **Os espaços de esporte e lazer do Colégio Estadual do Paraná: possíveis espaços de aprendizagem para o uso da cidade tempo/espaço de lazer.**

2012. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

SANTANA, D. T. **Praça de bolso do ciclista de Curitiba/PR: idealização, cotidiano e o uso da bicicleta como forma de contestação.** 2016. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

SANTOS, K. R. dos. **A educação para o lazer a partir dos conteúdos curriculares da educação física do ensino médio: um estudo de caso do Colégio Estadual do Paraná.** 2012. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** São Paulo: Hucitec, 1996.

SILVA, E. A. P. C. da. **Os espaços das cidades e os megaeventos esportivos no Brasil: uma análise da Copa do Mundo de Futebol 2014 na região Sul do Brasil.** 2016. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

TSCHOKE, A. **Da recreação e lazer para o lazer e sociedade: as maneiras de fazer acadêmico no campo do lazer ligadas à área da educação física.** Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

TSCHOKE, A. **Lazer na infância: possibilidades e limites para vivência do lazer em espaços públicos na periferia de Curitiba-PR.** 2010. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

RECHIA, S.; TSCHOKE, A. Lazer e cidade que realidade é essa? O que a produção do Geplec /UFPR aponta sobre esse tema. In: UVINHA, Ricardo Ricci (Org.). **Lazer no Brasil: grupos de pesquisa e associações temáticas.** São Paulo: Edições Sesc, 2008. p. 150.

VIEIRA, F. G. L. **Espaços públicos de lazer no centro de Curitiba: a transformação da cidade urbana para cidade humana.** 2010. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.